



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – ICED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

JUÇARA DOS SANTOS CARDOSO

BIBLIOTECAS ESCOLARES: Uma cartografia

SANTARÉM PARÁ
2018

JUÇARA DOS SANTOS CARDOSO

BIBLIOTECAS ESCOLARES: Uma cartografia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará como parte dos requisitos para qualificação do Mestrado em Educação.

Área de concentração: Práticas educativas, linguagens e tecnologias, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto.

SANTARÉM PARÁ
2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas –SIBI/UFOPA**

C266b Cardoso, Juçara dos Santos

Bibliotecas escolares: uma cartografia / Juçara dos Santos Cardoso.

–Santarém, Pará, 2018.

90fls.: il.

Inclui bibliografias.

Orientador: Luiz Percival Leme Brito

Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado em Educação.

1. Formação Omnilateral. 2. Biblioteca escolar. 3. Ensino e aprendizagem. I. Brito, Luiz Percival Leme, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 371.3

Bibliotecária - Documentalista: Selma Souza –CRB/2 1096

JUÇARA DOS SANTOS CARDOSO

BIBLIOTECAS ESCOLARES: uma cartografia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará como parte dos requisitos para qualificação do Mestrado em Educação.

Área de concentração: Práticas educativas, linguagens e tecnologias, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto.

Data de Aprovação: 06/09/2018

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto – Orientador/ Presidente/ Ufopa.



Profa. Dra. Babiola Ribeiro Farias – Membro Externo/ UFMG



Prof. Dr. Zair Henrique Santos – Membro Interno/ Ufopa.

Gabriel e Lucas,
Razão de tudo em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade a mim concedida de estudar e crescer como ser humano e como profissional, e por me fortalecer nos momentos de dificuldades, dando-me paciência e sabedoria para enfrentar cada desafio

Ao Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto, por quem tenho imenso carinho e gratidão. Como costumo dizer “foi uma benção que Deus colocou na minha vida”. Obrigada pelo incentivo, pela confiança, pelo compromisso e pelas contribuições na produção do nosso trabalho.

À Fapespa, pelo apoio financeiro (bolsa de mestrado e financiamento da pesquisa).

À minha família, em especial a minha mãe, Juliana, e meu segundo pai, Horácio, que, mesmo sem compreender o significado dessa fase na minha vida, sempre apoiaram os meus sonhos.

Ao amigo Paulo André, que me acompanhou nas visitas às escolas.

Às amigas Adriane Barroso e Gisele Gomes, que me acompanharam nessa trajetória e me deram força nos momentos de desespero.

Ao grupo de estudos Lelit, no qual aprendi o valor da leitura, em especial da leitura literária, na vida de uma pessoa.

Aos amigos, que me acompanharam e fizeram parte da minha jornada acadêmica, pelo apoio, pelos momentos de diversão, alegria, por todas as experiências e descobertas.

Às professoras Renata Junqueira, Sinara Almeida, Ediene Pena e ao professor Zair Henrique, pelas contribuições na qualificação desta dissertação.

Aos participantes da pesquisa e a gestão das escolas. Obrigada pela compreensão e receptividade.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Minha experiência leitora

Dizem que a formação do leitor vem de berço ou da influência de pais leitores ou família leitora. Para alguns pode até ser, mas para muitos não é bem assim. Foi o que aconteceu comigo. Oriunda de família de poucas condições financeiras e baixa escolaridade, os livros nunca fizeram parte da minha infância e adolescência, a exceção dos didáticos, distribuídos pela escola. Biblioteca na escola? Não existia, a não ser um depósito para armazenamento de livros, onde buscávamos o que precisávamos para fazer alguma atividade. Influência de professores? Recordo-me de uma, no último ano do Ensino Médio, a qual nos propôs que fizéssemos a leitura dos contos de Inglês de Sousa, leitura obrigatória para vestibular. Outras li no cursinho, com o mesmo propósito.

Foi na universidade, no curso de Letras, que comecei a ler algumas obras, tanto clássicas como de expressão amazônica, para discussões em sala de aula. No entanto, minha trajetória leitora iniciou, de fato, no sexto semestre da graduação, na disciplina ministrada pelo professor Percival que nos propôs pesquisar e estudar literatura infanto-juvenil e autores renomados. Dentre as indicações, estava *Bisa Bia e Bisa Bel*, de Ana Maria Machado. Literalmente falando “Virei à noite lendo esse livro”. Até parece engraçado: para um livro tão pequeno, virar a noite, não seria muito tempo? Seria, talvez, para o leitor voraz, experiente; mas para quem não se enquadrava nesse perfil seriam muitas páginas para uma noite só, páginas que em mim despertavam a imaginação e me faziam vivenciar com a *Bel* o dilema de ser mulher e as vontades de liberdade. Liberdade limitada pelos princípios e valores de uma família tradicional, dentro de uma sociedade machista, em que a mulher pouco pode.

Assim, quando alguém me pergunta se existe idade de se tornar leitor, já logo digo: – É claro que não, leitor se faz em qualquer tempo! Basta que sejamos apresentados à literatura e convidados para adentrar a esse mundo, como me fez meu querido professor Percival, por quem, hoje, tenho imenso carinho e admiração. Sua inspiração nos faz enxergar a importância da leitura, em especial à literatura na nossa vida, como ele mesmo costuma falar “literatura não serve para nada e ao mesmo tempo serve para tudo”.

Há oito anos fazendo parte do Grupo de estudos em leitura, escrita e literatura na escola – Lelit tenho aprendido como a leitura e a literatura pode transformar as pessoas que por circunstâncias culturais ou sociais vivem presa a seu mundinho, de limitações e aceitação. Já dizia Mário Quintana: “Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas; os livros só mudam as pessoas”.

RESUMO

As concepções predominantes de biblioteca e formação escolar, que indicam que a integração desses espaços dentro das instituições e sua inclusão no processo educativo colaboram para o ensino-aprendizagem de saberes que transcendem o senso-comum e se ancoram no senso crítico e questionador da cultura científica, com papel significativo na formação intelectual dos estudantes. Sob esta lógica, este trabalho tem como objetivo produzir a cartografia das bibliotecas escolares da rede estadual de ensino do município de Santarém, de modo verificar como elas se inserem nesse discurso, analisando as possibilidades e dificuldades da sua contribuição na formação intelectual dos alunos. A metodologia utilizada inclui revisão bibliográfica e estudo conceitual sobre leitura, formação, formação omnilateral e biblioteca escolar e visita *in locu*, com levantamento de acervo, documentação iconográfica e conversa com o responsável pela biblioteca (fossem os que atuam diretamente nelas, fossem os que, na ausência daqueles, têm autoridade sobre elas). Os resultados apontam que de universo de 30 escolas, 25 dispõem de espaço destinado a funcionar como biblioteca, sendo que cinco apresentam boas condições de uso, doze razoáveis, sete apresentam condições precárias e uma não apresenta condições de uso. No que tange ao acervo, todas possuem acervos razoáveis e recebem livros do FNDE (livros didáticos, do professor, de literatura e dicionários). À exceção a quatro escolas, todas receberam acervos e mobiliário do projeto Alvorada em 2001. Quanto ao funcionamento, quatorze têm profissionais lotados, em turnos diferentes e apenas duas escolas atende aos três turnos. No entanto, é possível observar que a dinâmica de funcionamento das bibliotecas pesquisadas, na maioria dos casos, se restringe a atividades de empréstimo e devolução de livros. No decorrer das visitas, foi possível notar, em algumas bibliotecas, a presença de alunos em busca de livros de literatura. A análise aponta que, embora haja relativa consciência da contribuição desse espaço à formação intelectual dos alunos e tenha nas escolas espaço e acervos razoáveis para que a biblioteca funcione, a ausência de fiscalização, de valorização e de profissionais têm resultado na perda de valor e funcionalidade desses espaços e, conseqüentemente, ocasionado limitação no aprendizado do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Formação. Formação omnilateral. Biblioteca escolar. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

Based on the prevalent conceptions of library and school education, which indicate that the integration of these spaces within the institutions and their inclusion in the educational process collaborate for the teaching-learning of knowledges that transcend common sense and anchor in the critical and questionable sense of scientific culture, with significant role in the intellectual formation of students. Under this logic, this work aims to produce the cartography of the school libraries of the state education network of the municipality of Santarém, so as to verify how they are inserted in this discourse, analyzing the possibilities and difficulties of their contribution to the students' intellectual training. The methodology used includes biographical revision and conceptual study on reading, training, omnilateral formation and school library and visit in locus to collect data, iconographic documentation and conversation with the person in charge of the library (Those who act direct them or those who, in the absence of the directors, have authority over them). The results point out that from the universe of 30 schools, 25 have a space to function as a library. And five have good conditions of use, twelve reasonable, seven have precarious conditions and one has no conditions of use. Regard to the book collection, they all have reasonable collections and receive books from the FNDE (textbooks, the teacher, literature and dictionaries). Except for four schools, all received collections and furnishings of the project Alvorada in 2001. As for the operation, fourteen have busy professionals, in different shifts, and none of the schools attend the three shifts. However, it is possible to observe that the dynamics of functioning of the libraries we searched, in most cases, are restricted to loan and return of books activities. In the coming of the visits, it was possible to notice in some libraries the presence of students in search of literature books. The analysis points out that, while there is a relative awareness of the contribution of this space to the intellectual formation of pupils and in the schools space and reasonable collections for the library to function, the absence of supervision, appreciation and professionals have resulted in the loss of value and functionality of these spaces, and consequently, a limitation in the learning of the student.

KEY WORDS: Training. Omnilateral formation. School library. Teaching-learning.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APAE – Associação Pais Amigos Excepcionais Santarém PA

BE – Biblioteca Escolar

CEEJA – Centro especializado na educação de jovens e adultos.

Codes – Coordenadoria de Lotação da Secretaria de Educação do Estado do Pará

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FNLIJ – Fundação Nacional do livro infantil e juvenil

Gebe – Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar

LD – Livro Didático

Lelit – Grupo de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Leitura, Literatura e Biblioteca nas Escolas.

MEC – Ministério da Educação

NTE – Núcleo tecnológico da educação.

PBA – Padrão Básico de Atendimento.

Pibic-M – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à científica do ensino médio.

PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola

PNLL – Plano Nacional de Livro e da Leitura

IFLA – Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições

SAPP - Acompanhamento de Projeto Pedagógico -

Siebe – Sistema estadual de bibliotecas escolares

Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

Ufopa – Universidade Federal do Oeste do Pará

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Abrangência e investimento do programa.

Quadro 2: Situação das escolas quanto à existência de biblioteca e seu funcionamento.

Quadro 3: Disponibilidade de computador na BE.

Quadro 4: Acervos do PNBE recebidos pelas escolas.

Quadro 5: Presença de livros didáticos nas BEs.

Quadro 6: Quantidade de professores lotados e horários de atendimento.

Quadro 7: Detalhamento dos recursos e escolas beneficiadas pelo Projeto alvorada.

LISTA DE REGISTRO FOTOGRÁFICO

- Registro fotográfico 1: Espaço de leitura – BE 28.
- Registro fotográfico 2: Espaço de leitura para leitura da BE2.
- Registro fotográfico 3: Espaço destinado para acervo e estudos individuais - BE2.
- Registro fotográfico 4: Espaço de leitura modelo 2 – BE 17.
- Registro fotográfico 5: Espaço de leitura modelo 3– BE 20.
- Registro fotográfico 6: Espaço de leitura – BE 24.
- Registro fotográfico 7: Espaços de leitura - BE6, BE8, BE21, BE25.
- Registro fotográfico 8: Bibliotecas funcionando como sala de aula.
- Registro fotográfico 9: Estantes de aço com prateleira dupla e multiuso.
- Registro fotográfico 10: estantes de madeira.
- Registro fotográfico 11: Balcão.
- Registro fotográfico 12: armários de ferro com dois compartimentos.
- Registro fotográfico 13: armários para arquivos.
- Registro fotográfico 14: armários para guarda volume.
- Registro fotográfico 15: Acervo PNBE.
- Registro fotográfico 16: Acervos deteriorados.
- Registro fotográfico 17: Acervos do PNBE em caixas.
- Registro fotográfico 18: BE depósito modelo 1.
- Registro fotográfico 19: BE depósito modelo 2.
- Registro fotográfico 20: Livros didáticos em abundância nas BEs.
- Registro fotográfico 21: Presença de materiais diversos na BE.
- Registro fotográfico 22: Organização do acervo.
- Registro fotográfico 23: Projeto alvorada.
- Registro fotográfico 24: Acervo financiado pelo projeto alvorada.
- Registro fotográfico 25: Estantes financiadas pelo projeto Alvorada.
- Registro fotográfico 26: Mesas financiadas pelo projeto Alvorada.
- Registro fotográfico 27: Balcão financiado pelo projeto alvorada.
- Registro fotográfico 28: Biblioteca Castro Alves 2012.
- Registro fotográfico 29: Biblioteca Castro Alves 2017.
- Registro fotográfico 30: Fotos da BE antes da intervenção das alunas.
- Registro fotográfico 31: Seleção de livros.

Registro fotográfico 32: Limpeza do local.

Registro fotográfico 33: Organização do acervo.

Registro fotográfico 34: Resultado da intervenção.

Registro fotográfico 35: palestra para os docentes da escola Madre Imaculada.

Registro fotográfico 36: Fotos da Biblioteca Madre Imaculada em 2017.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	A BIBLIOTECA ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO INTE- LECTUAL DO ALUNO NA PERSPECTIVA OMNILATERAL.....	19
2.1.	Formação Omnilateral.....	19
2.2.	A Biblioteca Escolar no Desenvolvimento da Formação Omnilateral.....	25
2.3.	Leitura e Formação Omnilateral.....	28
3	BIBLIOTECA ESCOLAR.....	32
3.1.	Breve contextualização.....	32
3.2.	Conceito de biblioteca escolar.....	34
3.3.	Biblioteca e sua relação com a leitura.....	35
3.4.	O PNBE e outras políticas e ações de democratização da leitura.....	37
3.5.	O que é biblioteca como processo de formação nos tempos atuais?.....	43
4	A BIBLIOTECA ESCOLAR NA REDE DE ESCOLAS ESTADUAIS DE SANTA- RÉM-PA.....	47
4.1.	Contextualização da pesquisa.....	47
4.2.	Metodologia da pesquisa.....	49
4.3.	Análise e apresentação dos resultados.....	49
4.3.1.	Espaço Físico.....	50
4.3.2.	Mobiliário e equipamentos.....	56
4.3.3.	Acervo.....	60
4.3.4.	Organização do acervo.....	66
4.3.5.	Serviços e atividades.....	67
4.3.6.	Pessoal.....	68
4.3.7.	Horário de Funcionamento.....	69
4.3.8.	Políticas de ações e assessoramento das bibliotecas escolares de Santarém: Siebe e Projeto alvorada.....	70
4.3.8.1	Análise de dois casos.....	74
4.3.8.2	Biblioteca Castro Alves.....	75
4.3.9.2.	Biblioteca Profª Iza Ramos.....	77

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	85
ANEXO.....	89

1 INTRODUÇÃO

Estudos sobre bibliotecas enfatizam que a integração desses espaços dentro das instituições e sua inclusão no processo educativo contribuem para o ensino eficaz, de saberes que transcendem o senso-comum e se ancoram no senso crítico e questionador da cultura científica, além de contribuir para a formação crítica e humanista, que ultrapassa os muros escolares e nos desperta para vida (BRITTO 2016, CASTRILLON, 2012, SILVA 1999).

Adorno (1995) pontua que a educação deve promover formação que estimule o pensar crítico, reflexivo e autônomo do aluno, que procure romper com o conformismo impregnado pelo senso comum e busque emancipar o sujeito, tornando-o capaz de agir e intervir de modo consciente na sociedade.

A leitura, como veículo privilegiado de desenvolvimento e humanização da sociedade, é forte aliada no processo de ensino e de ampliação e compreensão do mundo. Para tanto, deve estar em diálogo com a realidade dos sujeitos envolvidos, pois, “quando um homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Porém, com o ofuscamento causado por essa alienação, o homem não leitor se vê sem ação, sem forças para sair desse estado de subserviência a que foi prostrado” (FREIRE 2003, p.30)”.

Para que a escola alcance tais objetivos, deve-se investir numa educação igualitária, o que implica criar condições favoráveis de democratização da leitura e de acesso ao conhecimento produzido pela humanidade por aqueles que, por questões sociais e históricas, tornaram-se alheios a esse bem cultural.

Nesse sentido, a biblioteca escolar “apresenta-se como possibilidade objetiva de produção e disseminação da cultura e do conhecimento, de formação intelectual e política, de experimentação estética e afirmação subjetiva” (BRITTO, 2016, p.17). Ela contribui para formação intelectual e autônoma do sujeito, fazendo com que se perceba inserido nos diversos contextos sociais e políticos, pois, “quando o sujeito do conhecimento empreende um pensamento sobre a realidade, tendo em vista nela intervir, a qualidade de sua intervenção estará na dependência dos domínios conceituais que lhe estão disponibilizados” (ABRANTES; MARTINS, 2007, p. 319).

A biblioteca só fará sentido, se estiver integrada ao processo de ensino e formação do sujeito com instrumento essencial. Quanto mais possibilidade de acesso às informações e ao saber elaborado o sujeito tiver, mais informado será e mais conhecimento produzirá. Sob essa lógica, a biblioteca assume papel protagonista, contribuindo com a disseminação e o

desenvolvimento do conhecimento e com a constituição de uma política cultural democrática. Não se pretende que o aluno memorize conhecimentos, mas que os analise e os selecione criticamente e se aproprie deles, de modo a superar as desigualdades.

Compreendendo a função formativa das bibliotecas escolares e sua contribuição na formação intelectual dos alunos, chego a seguinte indagação: **de que forma a biblioteca escolar participa da formação intelectual do aluno na atual conformação escolar?**

Para tentar responder a esse questionamento e melhor compreender o panorama das bibliotecas escolares de Santarém, esta pesquisa tem como **objetivo geral** produzir a cartografia das bibliotecas escolares da rede estadual de ensino do município de Santarém, verificando possibilidades e dificuldades de sua contribuição na formação intelectual dos alunos.

Os **objetivos específicos** da pesquisa são: 1. Definir o conceito de formação omnilateral e suas possibilidades no âmbito dos estudos sobre biblioteca escolar; 2. Identificar as concepções pedagógicas de leitura e formação e sua relação com a biblioteca escolar; 3. Identificar as concepções predominantes de biblioteca escolar no debate pedagógico brasileiro; 4. Fazer o levantamento das escolas estaduais urbanas de Santarém e verificar as condições de funcionamento da biblioteca, se houver; 5. Verificar a dimensão, pertinência e utilidade dos acervos das bibliotecas escolares, para docentes, discente e demais funcionários das escolas; 6. Estruturar a biblioteca Bartolomeu Campos de Queirós como Biblioteca modelo – dentro das condições e limitações do espaço – de literatura infanto-juvenil.

O presente trabalho, com suas reflexões, conceitos e dados resultantes do desenvolvimento da referida pesquisa, apresenta-se em cinco capítulos. O capítulo 1 – **O papel da biblioteca na formação intelectual do aluno na perspectiva omnilateral** traz abordagens sobre o que se entende por **formação, formação omnilateral, Leitura e formação** e sua relação com a biblioteca. O capítulo 2 – **A biblioteca escolar** – oferece breve contextualização da trajetória da biblioteca; busca conceituar biblioteca escolar e expõe a relação entre escola, e biblioteca escolar; traz, ainda, algumas ações governamentais de incentivo e democratização da leitura e da biblioteca dentro das instituições de ensino e seu papel em tempos atuais. O capítulo 3 – O que seria uma biblioteca ideal? – discute o que seria a biblioteca ideal, no que tange à estrutura física e à disponibilidade de recurso e investimentos; acervo e conservação; atendimento e funcionamento. Traz propostas / aproximações com a estrutura ideal de biblioteca, considerando as limitações impostas pelo espaço, de literatura infanto-juvenil modelo. O capítulo 4 – **Metodologia da pesquisa** – traz breve descrição dos procedimentos utilizados no desenvolvimento da pesquisa. E, finalmente, o capítulo 5: **A biblioteca escolar na rede de escolas estaduais de Santarém** – apresenta os dados e resultados da pesquisa.

Nas **Considerações Finais** apresenta-se a síntese da pesquisa desenvolvida.

Ressalte-se que, esta pesquisa dá continuidade aos estudos sobre biblioteca escolar desenvolvido por mim no Trabalho de Conclusão de Curso de Letras-Português da Ufopa (CARDOSO, 2013), no Trabalho de pesquisa realizado no programa de Iniciação Científica (CARDOSO, 2015) e se desenvolve no âmbito do Grupo de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Leitura, Literatura e Biblioteca nas Escolas (LELIT), que desde 2013, realiza estudos e intervenções em bibliotecas escolares no município de Santarém.

2 A biblioteca escolar e sua contribuição na formação intelectual do aluno na perspectiva omnilateral

Aquele que pensa põe resistência. (...) Só pensa quem não se limita a aceitar passivamente o desde sempre dado (ADORNO, 1995).

2.1 Formação omnilateral

Na atual sociedade, baseada nos princípios da divisão social do trabalho e da propriedade privada, que condiciona o homem à posição de objeto, educar na perspectiva que integre a ciência e a técnica ao desenvolvimento do homem em todas as suas dimensões e potencialidades requer formação integral em todas as esferas do conhecimento, de modo a superar conceitos reificados que submete a formação humana à condição de mera adaptação e conformismo da sociedade vigente.

Abrantes e Martins (2007) defendem que a produção do conhecimento surge das necessidades práticas, mas, para produzir conhecimentos novos, o sujeito precisa conhecer o que já se tem conhecido, sendo papel da escola proporcionar o conhecimento teórico, saberes universais, para que, através dos processos investigativos, o ser humano possa transformar a realidade, através da produção de novos conhecimentos.

Os indivíduos necessitam de uma educação formal que possibilite a apropriação de conceitos de modo que se tornem instrumentos do pensamento na relação com a realidade, que dê ciência de seu movimento; do movimento dos próprios conceitos e do pensamento na busca de compreensão do real. Este desafio somente pode ser enfrentado com a organização intencional de atividades educativas que atuem com determinação neste sentido. Não é demais lembrar a importância do ensino para se efetivar a apropriação do conhecimento (ABRANTES; MARTINS, 2007, p. 231).

A produção do conhecimento se dá tanto pela produção empírica, quando os homens produzem dentro de suas experiências práticas, quanto por processos intelectivos ligados a conhecimento teóricos produzidos pela humanidade. É na articulação entre conhecimento tácito e conhecimento científico que se estabelece um novo modelo de formação, na qual “não desaparece a relevância do conhecimento tácito em nome da supremacia do conhecimento científico, mas sim se estabelece a dialética entre teoria e prática” (KUENZER, 2003, p. 52).

A formação do sujeito fundamentada na perspectiva dialética de teoria e prática, pensamento e ação, homem e sociedade, o pedagógico, político e social lhe dá visão total da realidade e lhe permite viver criticamente em sociedade. Esse tipo de formação requer acesso ao conhecimento produzido historicamente pela humanidade (DUARTE; SAVIANI, 2010).

Com a apropriação de novos conhecimentos, o sujeito compreende melhor sua realidade, abre caminhos para superação da sua condição de ser alienado, fragmentado, pragmático,

tornando-se capaz de tomar decisões conscientes com bases nos conhecimentos históricos construídos. É “necessário contrapor-se a tal ausência de consciência, e preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica” (ADORNO, 1995, p. 121).

Para Adorno (1995), a educação deve buscar autonomia dos sujeitos pela reflexão crítica, possibilitando-lhe escolhas conscientes, fortalecendo sua capacidade de resistência e de enfrentamento à intensa pressão do coletivo sobre o particular, rompendo paradigmas e escapando das condições alienantes de educação. Para tanto, a escola deve promover formação que estimule o pensar crítico, reflexivo e autônomo do aluno, de modo que se perceba como sujeito ativo do mundo em que vive.

O processo educativo com vista à formação integral do sujeito, na perspectiva omnilateral, possibilita-lhe colocar-se no terreno da produção e da transformação, percebendo-se nos diversos discursos em disputa na sociedade de classes. Pensando nisso, nesta sessão discorreremos sobre o que se entende por formação omnilateral e o papel da escola nessa formação com ênfase na biblioteca escolar e suas contribuições na formação intelectual do aluno.

A omnilateralidade está associada à formação humana, em todos os campos do conhecimento, na arte, na ciência, na filosofia, na história, na economia, na política e suas possibilidades do desenvolvimento estão pautadas na construção de um projeto de sociedade que, segundo Frigotto (2012, p. 267), “liberte o trabalho, o conhecimento, a ciência, a tecnologia, a cultura, as relações humanas em seu conjunto dos grilhões da sociedade capitalista”.

Omnilateral é um termo que vem do latim e cuja tradução literal significa ‘todos os lados ou dimensões’. Educação omnilateral significa, assim, a concepção de educação ou formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para o seu pleno desenvolvimento histórico. Essas dimensões envolvem sua vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico. Em síntese, educação omnilateral abrange a educação e a emancipação de todos os sentidos humanos, pois os mesmos não são simplesmente dados pela natureza (FRIGOTTO, 2012, p. 267).

Logo, a educação omnilateral tem compromisso com o desenvolvimento pleno do ser humano, levando em conta todas as dimensões que convergem para esse fim. Assim, deve considerar os aspectos objetivos e subjetivos, de modo a contribuir para o processo de desenvolvimento nas dimensões constituintes do gênero humano, o que significa levar em conta as condições sócio-históricas que permeiam a vida do sujeito. Em consonância com isso, Manarcorda (2007, p. 90) pontua que:

A omnilateralidade é, portanto, a chegada histórica do homem a uma totalidade de capacidades produtivas e, ao mesmo tempo, a uma totalidade de capacidades de consumo e prazeres, em que se deve considerar, sobretudo o gozo daqueles bens espirituais, além dos materiais, e dos quais o trabalhador tem estado excluído em consequência da divisão do trabalho.

Esse modelo educacional visa superar o modelo educacional unilateral que, tradicionalmente, tem se realizado nas escolas, limitando-se a atender os interesses mercantis e classista da sociedade capitalista, separando a atividade material da atividade intelectual, bem como a formação técnica da formação intelectual, como se aquisição dos conhecimentos se desse de forma isolada e as capacidades cognitivas do sujeito fossem limitadas ao fazer cotidiano. Nessa perspectiva, a vida do homem se restringiria a necessidades básicas (alimentação e moradia), na luta pela sobrevivência, tornando-se mero fazedor de coisas, distante do processo de humanização.

Ressalta Baczinski (2016) que, historicamente, a educação escolar tem realizado o papel de reprodutora de instâncias ideológicas, os padrões de comportamento e pensamento criados para atender às necessidades sociais e econômicas do modo de produção capitalista. Portanto, o papel designado à escola foi a de formar os sujeitos no âmbito intelectual e profissional a fim de que pudessem se adaptar e contribuir produtivamente na configuração de um novo modelo social. No entanto, a escola:

É uma instituição que tem em seu seio a contradição. Por um lado, tem a função de atender às imposições do capital, contribuindo assim para o desenvolvimento da sociedade; por outro, configura-se como instituição formadora de homens. Logo, ao mesmo tempo em que forma o homem egoísta, o cidadão submisso e individualista, tem potencialmente condições para ir além, para humanizá-lo, para desenvolvê-lo de forma ampla, abrangendo o máximo das capacidades eminentemente humanas (BACZINSKI, 2016, p. 227).

Essas contradições geram lacunas que podem ser aproveitadas para avançar aos limites impostos à escola, ainda que na demarcação de um sistema capitalista. Assim, será capaz de superar a condição de reprodutora social e torna-se educação emancipadora, promotora da formação omnilateral dos sujeitos. “Contudo, essa luta pela formação omnilateral não pode acontecer de forma ingênua, desconsiderando as inúmeras determinações que limitam a ação da escola” (BACZINSKI, 2016, p. 227).

Para atingir a genuína omnilateralidade, uma formação humana integral, exige-se o fim da alienação tanto do homem pelo homem quanto do homem em relação aos fetiches criados pelo modo de produção hodierno e a retomada de posse da própria natureza imanente, da natureza humana que é o desenvolvimento “de” todos os sentidos e “em” todos os sentidos, de forma integral, no qual investirá suas faculdades e forças produtivas não somente para prover os meios imprescindíveis às suas necessidades materiais, mas, sobretudo, para sua satisfação espiritual (SOUSA, 2012, p. 100).

A educação na perspectiva omnilateral contribui para a humanização e emancipação do homem. Quando o sujeito se torna conhecedor daquilo que influencia seu meio - economia, política e cultura – maior será sua capacidade de intervenção, menos submisso e alienado estará. O conhecimento produz esclarecimento, quanto mais esclarecido for o sujeito mais consciente serão suas decisões.

A consciência revela que o homem não se mantém preso às suas condições situacionais e pessoais. Ele é capaz de transcender a situação, assim como as opções e os pontos de vista pessoais, para colocar-se na perspectiva universal, entrando em comunicação com os outros e reconhecendo suas condições situacionais, assim como suas opções e seus próprios pontos de vista. (SAVIANI; DUARTE, 2010, pp. 422/423).

Teixeira (2013, p. 295) ressalta que,

faz-se necessário compreender que a educação não ocorre apenas no interior da escola, mas, sim, em todas as relações presentes na sociedade, no cotidiano de cada pessoa, por toda uma vida, seja pela influência das pessoas com quem se convive, pela influência da indústria cultural ou pela cultura e hábitos do próprio ambiente no qual cada pessoa é formada.

Quando o sujeito chega à escola, traz consigo conhecimentos adquiridos no convívio social que não podem ser ignorados pela escola; porém, tampouco caberia admitir que tais conhecimentos sejam tomados como o único verdadeiro, sendo preciso interrogar o sujeito sobre sua existência, seus valores e as relações que estabelece com os saberes amplos: “o homem nasce homem, apenas enquanto há possibilidade e se formar pela educação”, e esta formação ocorre em todos os espaços da vida social” (MANACORDA, 2010, p. 26).

Adorno (1995) argumenta que a educação vive uma relação dialética: ao mesmo tempo em que precisa integrar a criança à realidade em que vive, não pode reduzir-se a um processo de adaptação, porque não produziria nada além de pessoas bem ajustadas.

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém, ela seria igualmente questionável se ficasse nisso, produzindo nada além de *wellad justed people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior (ADORNO, 1995, p. 143).

A educação precisa ser emancipadora, formando pessoas com consciência crítica e autônoma, capazes de romper com os aspectos ideológicos, carregado de valores consumistas da sociedade capitalista, que reduz a educação ao acúmulo mecânico e quantitativo de conteúdos.

Existe alienação quando ocorre um abismo entre o desenvolvimento humano-genérico e as possibilidades de desenvolvimento dos indivíduos humanos, entre a produção humano- genérica e a participação consciente do indivíduo nessa produção. (HELLER, 2004, p. 38).

Dessa ótica, impera a subjetividade ideológica que impede a autonomia e impõem conformismo, fazendo com que os sujeitos ajam, consumam e pensem de acordo com a ideologia,

sem questionar a ordem social, criando a falsa ideia de pertencimento. Conforme Adorno, “uma das características da consciência coisificada é manter-se restrita a si mesma, junto a sua própria fraqueza, procurando justificar-se a qualquer custo” (ADORNO, 1995, p.71).

Para que haja emancipação, os modelos educacionais devem partir da realidade concreta e da experiência do aluno, para que esse, compreendendo a estrutura e a realidade em que vive, tome consciência do seu mundo, assumindo seu papel na luta por uma sociedade justa e igualitária. Para Adorno (1995), “a constituição da aptidão da experiência consistiria essencialmente na conscientização e, dessa forma, na dissolução desses mecanismos de repressão e dessas formações reativas que deformam nas próprias pessoas sua aptidão a experiência” (p.150). Assim, a emancipação “precisa ser inserida no pensamento e também na prática educacional” (p.143).

O objetivo educacional deve ter como centro a formação do aluno crítico, capaz de investigar, analisar, conhecer, estabelecer relações entre o que é posto pela sociedade e sua vida. Desenvolver um trabalho educacional baseado nesses pressupostos não é fácil, mais ainda na sociedade capitalista, que (re)produz modelo educacional marcado pela divisão de classes, com uma “educação para ricos” e “educação para pobres”. Para Marx (apud MANACORDA, 2007, p. 62), “o homem não domina, mas é dominado, não é indivíduo total, mas membro unilateral de uma determinada esfera (classe etc.) e vive, em suma, no reino da necessidade, mas não ainda no da liberdade.”.

ao dividir-se o trabalho, divide-se o homem; divide-se o indivíduo em si mesmo, enquanto cada um é contextualmente o lugar de realidade e de possibilidade que se contradizem, e se dividem os indivíduos entre si na sociedade, enquanto as capacidades humanas pertencem, divididas e, portanto, deformadas, separadamente a uns ou a outros indivíduos, mas não a uns e a outros ao mesmo tempo (MANACORDA, 2007, p. 74).

Frigotto (2012, pp. 272/273) ressalta que,

a partir das desigualdades que são dadas pela realidade social, desenvolverem processos pedagógicos que garantam, ao final do processo educativo, o acesso efetivamente democrático ao conhecimento na sua mais elevada universalidade. Não se trata de tarefa fácil e nem que se realize plenamente no interior das relações sociais capitalistas. Esta, todavia, é a tarefa para aqueles que buscam abolir estas relações sociais.

Segundo o autor, a formação do sujeito se dá em função as exigências da sociedade capitalista, a escola, assim como outras instituições de ensino, acaba por assumir práticas educativas reprodutivistas e alienadas, como se o ato educativo fosse processo isolado, unilateral e o indivíduo, um ser passivo.

Este modelo de educação implica não apenas o desenvolvimento de hábitos necessários à vida nas cidades, mas também aos interesses da classe dominante em manter a hegemonia: “o homem tornou-se escravo do mercado, não para atender suas próprias necessidades, mas as do

capitalismo, e porque, mesmo que em condições precárias e por um salário-mínimo, precisa trabalhar para sobreviver” (NEVES, 2009, p. 8880).

Há que considerar que a complexidade, frente às novas tecnologias, exigiu da escola uma nova postura. No entanto, é preciso superar a visão limitada do papel dessa instituição. O desafio da escola é “propiciar ao indivíduo subsídios teórico-práticos para que desenvolva o pensamento crítico e chegar à totalidade do pensamento, rompendo com uma visão fragmentada e deturpada do real” (NEVES, p. 8880).

É preciso reconhecer a objetividade do conhecimento como contributo para a superação de uma realidade que, em sua essência, almeja acumular capital em detrimento do ser humano. “Quando o sujeito do conhecimento empreende um pensamento sobre a realidade, tendo em vista nela intervir, a qualidade de sua intervenção estará na dependência dos domínios conceituais que lhe estão disponibilizados” (ABRANTES; MARTINS, 2007, p. 319).

Os indivíduos necessitam de uma educação formal que possibilite a apropriação de conceitos de modo que se tornem instrumentos do pensamento na relação com a realidade, que dê ciência de seu movimento; do movimento dos próprios conceitos e do pensamento na busca de compreensão do real. Este desafio somente pode ser enfrentado com a organização intencional de atividades educativas que atuem com determinação neste sentido. Não é demais lembrar a importância do ensino para se efetivar a apropriação do conhecimento. (ABRANTES; MARTINS, 2007, p. 321).

Cabe à escola trabalhar com os conhecimentos produzidos historicamente, numa relação dialética entre conhecimentos teóricos e práticos, de modo a compreender as relações que movimentam a sociedade. O domínio básico desses conhecimentos permitirá aos alunos tomada de decisões consciente frente à realidade, na qual o homem está alienado por outro, pelas necessidades e pela capacidade da sua satisfação.

Frente à realidade da alienação humana, na qual todo homem, alienado por outro, está alienado da própria natureza, e o desenvolvimento positivo está alienado a uma esfera restrita, esta é a exigência da omnilateralidade, de um desenvolvimento total, completo, multilateral, em todos os sentidos, das faculdades e das forças produtivas, das necessidades e da capacidade da sua satisfação (MANACORDA, 2007, p. 87).

Para Adorno (1995), a educação não faz sentido sem que promova a autorreflexão de maneira que contemple, de forma geral, todas as esferas das relações sociais do sujeito, políticas, econômicas e sociais. O esclarecimento teria poder de resistência em relação ao rumo caótico que a civilização humana está tomando e poderia fazer com que o homem usasse a reflexão sobre sua realidade e a analisasse, não aceitando as imposições sociais como naturais.

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana,

para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (SAVIANI, 1996, p.17).

A superação do modelo capitalista de produção só será possível mediante projeto educacional, que tenha como objetivo a formação integral do sujeito capaz de compreender a totalidade do processo social. Trata-se de perceber a educação como instância libertadora, formadora de sujeito pensante, capaz de realizar análise e síntese, compreender fatos isolados, intervir e tomar decisões coerentes. “Emancipar-se é ser esclarecido e a emancipação só é possível na formação para a autonomia, para a autorreflexão crítica” (TEIXEIRA, 2013, p. 11).

2.2 A biblioteca escolar no desenvolvimento da formação omnilateral

Segundo Adorno (1995), repensar a educação numa época que se caracteriza pelo estrangulamento do indivíduo, decorrente de um processo de massificação, é tarefa urgente.

A educação precisa ser fundamentada em princípios nos quais os sujeitos possam compreender o contexto social, sendo capaz de desenvolver nos educandos posturas críticas, autônomas e autorreflexivas, de modo a inquietar-se com aquilo que lhe é dado como verdadeiro e absoluto, reproduzido pelo senso comum sob o qual “imperam a ideologia da subjetividade egoísta e autossuficiente” (BRITTO, 2016, p. 53). Para tanto, são necessárias condições objetivas à formação emancipadora, principalmente, para aqueles que, por questões históricas, tornaram-se alheios às fontes de conhecimentos e às decisões que refletem na sociedade.

De acordo com Frigotto (1995), a educação escolar é um campo de disputa hegemônica entre a burguesia e classe trabalhadora, objetivando-se por meio de projetos distintos que refletem na organização do processo educativo, os quais apresentam diferentes concepções de sociedade, homem e de educação, ocasionando o que denominamos educação para ricos e educação para pobres.

Enquanto a primeira dispõe de condições objetivas, tempo ócio, recursos materiais de estudo, recursos financeiros, dentre outros elementos objetivos que proporcionam ao sujeito maior acesso e fruição dos conhecimentos formais e científicos, a segunda, por não dispor dessas condições, acaba por tornar-se submissa aos interesses da primeira. Pode-se afirmar isso considerando o que diz Calixto:

a ausência de uma biblioteca escolar penaliza gravosamente os alunos das classes mais desfavorecidas, pois o ambiente familiar não só não lhes propicia o acesso aos livros e a um ambiente familiar literato como, com o desenvolvimento de novas tecnologias, não têm acesso a computadores e a todas as enormes vantagens que daí advém em termos de acesso à informação (CALIXTO, 1996, p. 120).

A biblioteca apresenta-se como possibilidade de acesso à cultura e de atenuar as desigualdades sociais, já que minimiza as carências familiares de materiais de pesquisa e leitura, fornecendo aos alunos oportunidades de leituras. Almeida Júnior (1997) disserta sobre a função que a biblioteca tem exercido no contexto da luta de classes:

A biblioteca tende a veicular informações imbuídas de conceitos contrários às propostas sócio-político-econômicas e culturais da maioria da população. Refletindo posturas e interesses da classe detentora do poder, a biblioteca transforma-se num instrumento de dominação. As informações que normalmente são veiculadas pela biblioteca, apenas são decodificadas e absorvidas pelos que possuem um mínimo de “iniciação”, um mínimo de “conhecimentos”, um mínimo, porque não dizer de “informações”. A complexidade das informações está proporcionalmente relacionada, para seu entendimento, ao acervo de conhecimento de cada usuário. A biblioteca, ao se preocupar com o usuário “culto”, amplia o fosso da “distribuição de informações” nada para quem não tem e muito para quem já tem (ALMEIDA JR., 1997, p. 66).

A luta pela superação dessa condição antagônica é que justifica a proposta de educação para todos, porém, é preciso criar condições objetivas, a todos, sem distinção de classe, de acesso aos e usufruto dos bens materiais que conduzem ao conhecimento, “o desenvolvimento do pensamento quanto sua expressão epistêmica não se efetivam senão em condições de ensino e apropriação dos saberes historicamente constituído” (ABRANTES, 2007, p.314).

Britto (2016, p.17) pontua que a biblioteca escolar se apresenta “como possibilidade objetiva de produção e disseminação da cultura e do conhecimento, de formação intelectual e política, de experimentação estética e afirmação subjetiva”, implicando “a radical e intransigente crítica tanto ao pragmatismo ideológico que, compreendendo a promoção da leitura como adequação ao padrão produtivo, ao mundo da eficiência e da competitividade”. Isso significa que, mais que promover o gosto pela leitura, oferecer entretenimento, reproduzir práticas massificadas de produção e consumo de cultura, caberia à biblioteca realizar ações de cultura e política que estão além do panorama imediato, desenvolvendo com os educandos o senso crítico, a capacidade de agir e intervir de forma consciente.

Ponderando que a leitura é veículo privilegiado de desenvolvimento e humanização da sociedade, acreditamos que, com a difusão das bibliotecas escolares, criam-se as condições objetivas de acesso e de democratização da leitura, bem como da apropriação dos saberes historicamente constituídos, fatores condicionantes para uma sociedade esclarecida.

A biblioteca escolar é o espaço democrático de formação da cidadania, que propicia o acesso e o uso da informação e auxilia na constituição de um sujeito agente do seu processo de aprendizagem e consciente de seu papel na sociedade em que vive (MORO, 2011, p. 69).

Para Silva (1997), “a biblioteca escolar constitui um instrumento precioso no processo educacional do cidadão, uma força e um fator impulsor da educação”. O acesso ao centro cultural que deve ser a biblioteca escolar propicia o desenvolvimento intelectual para participar da sociedade em que se vive e condição de “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos” (BRASIL, 2001, p. 6).

Sustenta o Manifesto da UNESCO para as Bibliotecas Escolares (2000), que as bibliotecas escolares são recursos ao serviço do ensino que proporcionam informação e ideias fundamentais para o sucesso na sociedade, baseada na informação e no conhecimento, e que desenvolvem nos alunos competências para a aprendizagem ao longo da vida, bem como a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se pensadores críticos, utilizadores efetivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação, e, no fundo, cidadãos responsáveis.

Saviani (2014) enfatiza que, na medida em que se descobre que a educação é um fenómeno determinado pelo modo de produção, pela estrutura da sociedade, pela correlação de forças, pelo controle político exercido por meio da dominação, esboroa-se toda ilusão de poder. A consciência dos condicionantes objetivos, ao mesmo tempo em que destrói o poder fictício, institui o poder efetivo, resultando na possibilidade de superar o otimismo ingênuo.

Não podemos deixar de assinalar o papel da biblioteca escolar na formação de personalidades críticas, criativas e dinâmicas. Com a diversidade de informações que a biblioteca escolar pode oferecer se dignamente instalada, os estudantes poderão tomar conhecimento de ideias diferentes ou mesmo divergentes daquelas transmitidas pelo professor, o que lhes poderá provocar inquietações e questionamentos, elementos indispensáveis ao desenvolvimento de uma educação escolar emancipatória, ainda que insuficientes para livrar totalmente os alunos das influências do discurso dominante na escola (SILVA 1999, p. 71).

Isso implica desenvolver a formação integral, educando o aluno para a vida em sociedade, fazendo com que se perceba no contexto em que vive. Mais que instruir e moldar, a escola forma cidadãos conscientes de seu tempo. A biblioteca escolar é, ou deveria ser, componente essencial na formação escolar, social e intelectual de seus usuários; centro de referência de produção e disseminação dos conhecimentos; espaço de apropriação dos saberes historicamente constituído. Deve, portanto, apresenta-se como espaço coletivo onde se armazena e se conserva o patrimônio documental da história, assegura-se a transmissão da memória e, ao mesmo tempo, torna-os acessíveis a todo, sem exceção.

Os acervos e documentos organizados para leitura, estudo e consulta existentes nas bibliotecas escolares oferece subsídios teóricos que contribuem no processo de ensino e na formação intelectual do aluno; favorece a reflexão crítica sobre a realidade; estimula o pensar

autônomo e amplia as capacidades e potencialidades, de modo que o aluno se desenvolva como ser omnilateral.

2.3 Leitura e formação omnilateral

Observa Britto (2012) que o ensino e a promoção da leitura, compreendidos como mais que alfabetização, têm repercutido dentro de espaços sociais e educacionais preocupados com a formação de leitores e mobilizado esforço conjunto dos poderes públicos, federais e municipais, a fim de se criarem estratégias para fazer do Brasil um país de leitores.

Contudo, entendida como bem civilizadora, a leitura tem assumido caráter funcionalista, em que se busca desenvolver no sujeito capacidades que lhe capacitem a realizar determinadas atividades mediadas pela escrita. Tal dinâmica impõe a aceitação de saberes e valores de determinada classe que não ultrapassa o senso comum, além de propor a leitura instrutiva e pragmática, mantendo o sujeito alienado a um modo social que nada propõe, apenas impõem.

Esse discurso limitado sobre leitura torna as pessoas submissas à ordem produtivista, projetando um leitor preocupado com “subir na vida”, que consumirá produtos culturalmente acessíveis voltados, para o que seria seu “interesse” (normalmente, leituras de fácil acesso - jornais, revista, best-sellers) e de pouca reflexão.

Conforme observa Soares (2004, p. 22):

Da língua escrita apropriam-se as classes dominantes, fazendo dela o discurso da verdade, repositório de um saber de classe, apresentado como saber legítimo. O acesso à escrita pelas camadas populares pode, por isso, significar a renúncia ao seu próprio saber e ao seu próprio discurso, a sujeição ao saber e ao discurso dominante.

Para a autora, a natureza de recepção da leitura pelas classes populares não é a mesma que se dá pelas classes favorecidas, porque, no que tange às circunstâncias sociais, elas não dispõem da mesma formação. Exemplo claro é quando se pergunta aos alunos, até mesmo aos pais, sobre a importância da leitura; na maioria das vezes, ouve-se que ler serve “para conseguir um bom emprego” ou “para obter melhores condições de vida”. Tais respostas sugerem a leitura como instrumento de sobrevivência, a partir da ideia salvacionista de leitura.

O que Britto (2010) chama de “mitificação da leitura” – representação limitada da leitura que sem explicitar o que se entende por ler – desconsidera as práticas sociais de leitura; ignora os modos de inserção dos sujeitos nas formas de cultura e estabelece em torno da questão juízos de valor do tipo bom ou mal; ignora qualquer indagação mais forte de cultura, conhecimento, educação e política.

Não basta alfabetizar, é preciso alfabetizar para aprender e inserir o sujeito na cultura, e, quando propomos essa inserção, falamos de letramento entendido como capacidade de ações e habilidades de uso da leitura e escrita.

Nas palavras de Osakabe (1982, pp. 150/151),

Alfabetiza-se o indivíduo para que seja mais produtivo ao sistema: por exemplo, para que leia e compreenda instruções escritas no trabalho, para que leia e compreenda ordens e mandamentos que zelam a todo o canto para a manutenção da ordem. Para, além disso, a alfabetização não parece tão necessária: a manipulação ativa da escrita (o ato de escrever, por exemplo) se faz dispensável pela imposição de fórmulas já prontas, por modelos estabelecidos e já consagrados em manuais de ampla difusão.

A forma pragmática de leitura indica processo restrito aos sentidos imediatos e utilitários do texto, com valores e aprendizagens sustentadas no cotidiano, uma prática cuja razão é manter o sujeito subordinado a um sistema que ignora qualquer indagação. Dessa forma, não se pode ler um texto desconsiderando as acepções de mundo do leitor. A leitura torna-se, nessa perspectiva,

o acesso ao conhecimento diferenciado, aquele que permite ao leitor reconhecer sua identidade, seu lugar social, as tensões que animam o contexto em que vive ou sobrevive, e sobretudo a compreensão, assimilação e questionamento seja da própria escrita, seja do real em que a própria escrita se inscreve (OSAKABE, 1982, p. 152).

Disso, decorre que se deve ensinar e aprender para além do texto, estimulando o desejo pelo conhecimento, a fim de que o aluno-leitor se reconheça no texto e se aproprie de outras formas de conhecimentos, formas que o ajudem a compreender sua cultura e o contexto em que vive. Essa dinâmica de conhecimento leva a indagar para além do certo impregnado no senso comum e a conhecer e compreender a vida e o mundo em que se está inserido. Somente assim se criam as condições para o que o sujeito traga para o texto o conhecimento já adquirido, fazendo o que Freire (2003) chama de leitura de mundo.

Freire (2003, p. 13), ao discorrer sobre a importância do ato de ler sustenta que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela”. Com isso, assume que o ato da leitura não é um processo isolado, sendo necessário conhecer o contexto vivido para compreender o texto e, a partir da leitura deste, produzir outros conhecimentos.

No mesmo diapasão, Britto (2003, p. 100) afirma que não existe leitura fora da história: ela é uma ação intelectual, através da qual os sujeitos, em função de sua experiência, conhecimentos e valores prévios, processam informação codificada em textos escritos e se faz sempre entre textos que se dão a ler, textos que trazem representações do mundo e com as quais o leitor vê-se obrigado a negociar.

Em consonância com os autores, a leitura não se constitui de forma isolada, sendo determinada por questões história, condições sociais, políticas e culturais do contexto em que são produzidas, podendo ser limitada ou expandida de acordo com as condições objetivas e subjetivas do seu leitor. A leitura só produz conhecimento na medida em que o leitor associa sua leitura de mundo com os significados propostos do texto, construindo sua compreensão no diálogo entre sua experiência e o conhecimento humano.

É isso o que sustenta Geraldi (2010, p.103), ao afirmar que “o reconhecimento do que já é conhecido e uma condição necessária para que se dê a leitura, mas não é condição suficiente. É preciso ultrapassar o já sabido e reconhecido para construir uma compreensão do que lê (e do que se ouve)”.

Reafirmando a importância da leitura de mundo como conhecimento prévio para o ato de ler proposto por Freire e sua relação com o texto, Geraldi acrescenta que “é preciso ultrapassar o já sabido e reconhecido para construir uma compreensão do que lê” (p. 103). Para o autor, ao ler, o leitor trabalha produzindo significações e é nesse trabalho que ele se constrói como leitor. Não se trata de dizer que o processo pragmático de leitura não contribui na formação escolar; pelo contrário, há que se admitir que esse seja o passo inicial (e essencial). Porém, não se pode limitá-la a isso.

Uma pedagogia da leitura que objetiva a transformação do leitor e, através deste, da sociedade dificilmente se funda na descrição de estrutura do(s) texto(s). Mais do que isso, uma pedagogia de leitura de cunho transformador propõe, ensinar e encaminhar a descoberta da função exercida pelo(s) texto(s) num sistema comunicacional, social e político (SILVA; ZILBERMAN, 2005, p.115).

Logo, ler é mais que decodificar; repetir sentidos dados como prontos e acabados; ler é algo que faz pensar, indo além do simples desejo de resolver um desafio e que precisa ser valorizado e praticado, dentro dos espaços escolares, levando o aluno a envolver-se com a natureza simbólica da escrita, arrojando-o no conhecimento de mundo e franqueando-lhe o acesso à cultura. É essa leitura que contribuirá para se alcançarem transformações que trazem uma sociedade justa e inclusiva.

Eis porque é imprescindível o estabelecimento e a expansão do chamado “espaço de contradição” dentro da escola e das aulas de leitura, a fim de se de-frentarem posturas e metodologias esclerosadas e inócuas com outras propostas e orientações de leitura, embasada teoricamente e viabilizada politicamente pelos professores. (SILVA; ZILBERMAN, 2005, p.112, 113).

Se aceitássemos que o papel da escola fosse o de simplesmente formar pessoas com a capacidade de decifração, teríamos de reconhecer que a escola não está longe de alcançar tal

finalidade. Mas seria preciso reconhecer que, neste caso, a escola estaria renunciando a sua função formativa, limitando-se ao adestramento das pessoas.

Como dizia Freire “quando um homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”. Porém, com o ofuscamento causado por essa alienação, “o homem não-leitor se vê sem ação, sem forças para sair desse estado de subserviência a que foi prostrado” (FREIRE 2003, p.30).

3 Biblioteca escolar

As bibliotecas escolares das escolas públicas significam a retomada da valorização desse espaço – a biblioteca – como espaço promotor da universalização do conhecimento e, também, da universalização de acesso a acervos pelo coletivo da escola.

A escola é, em muitos casos, o primeiro contato da criança com a leitura, do livro com o leitor. Daí a necessidade de dispor de espaço propício à leitura, para que os alunos desenvolvam o interesse pela leitura e pela busca de conhecimento (MILANESI, 2002).

A tradição pedagógica de ensino limitou-se ao uso livro didático, cabendo ao professor a transmissão e reprodução de conhecimento. Por esse motivo, a biblioteca escolar parece não fazer muita diferença no processo ensino-aprendizagem. Contudo, o universo diversificado de livros oferecidos pelas bibliotecas e as possibilidades de uso deles contribui para que os alunos possam ampliar seus conhecimentos. Para tanto, é necessário compreender o sentido e o papel que a biblioteca tem assumido no decorrer da história para que possamos traçar panorama de como ela tem sendo concebida nos tempos atuais.

3.1 Breve contextualização

A palavra **biblioteca** tem origem nos termos gregos *biblíon* (livro) e *theka* (caixa), significando o móvel ou lugar onde se guardam livros. Na antiga Alexandria, a biblioteca tinha como objetivo reunir em um só lugar todo o conhecimento humano.

De acordo com Milanesi (1983), a biblioteca, no início da era cristã, era lugar sagrado, ao qual tinham acesso apenas os monges. Ler e escrever eram habilidades exclusivas dos religiosos, que tinham a responsabilidade de transmitir o conhecimento, com base nos dogmas da igreja, para o restante da população. Com o surgimento das universidades, na Idade Média, surgem às primeiras bibliotecas de caráter de liberdade intelectual: os livros deixam de serem objetos sagrados e passam a expressar o pensamento humano. O que antes era exclusivo ao clero e aos nobres chega às mãos de pequena parcela da população.

A mudança do caráter dos livros, de religioso e reservado para um instrumento de conhecimento segmentado, refletiu-se com clareza na ideia de coleção dentro da diversidade de assuntos. Grandes bibliotecas, nas maiores cidades europeias, iniciaram-se nesse período fértil de revelação, [baseadas] não mais nas transcendências religiosas, mas no homem e na natureza (MILANESI, 2002, p. 27).

Acontecimentos históricos também impulsionaram esse cenário,

a revolução francesa tirou o livro das mãos dos nobres e os colocou nas mãos na maioria da população [...] a revolução Russa, mudando a estrutura daquela sociedade, estabeleceu uma nova prática para o ensino e o acesso a informação. Lenin estabeleceu

uma política para biblioteca, permitindo um rápido desenvolvimento no setor [...] a tendência se clarificou com revolução industrial. A Biblioteca/museu deixou de ser a única possibilidade enquanto coleção pública, passando a existir a biblioteca/serviço, oferecida ao público (MILANESI, 1983, p.21, 22).

Por conta dessas mudanças, a ideia de biblioteca como organização do saber delineou-se para nova função: sistematizar o acesso às informações; a informação passou a ser bem acumulável e valorizado, tido como elemento estratégico para garantir as exigências da estrutura econômica, “um homem informado, vale por dois” (p.22); a necessidade de informar tornou-se algo prioritário.

A imprensa também contribuiu para que livro chegasse, progressivamente, a um número maior de pessoas: o que era raro e caro, tornou-se paulatinamente mais acessível. Com isso, aumenta-se o número de leitores e à necessidade de criação e ampliação das bibliotecas.

Assim, as bibliotecas vão aos poucos deixando de ser guardiã de conhecimentos esotéricos para se tornarem disseminadoras do conhecimento universal: o homem não apenas armazena e organiza o saber produzido, mas também produz, reproduz e o coloca à disposição da sociedade.

A biblioteca era antigamente considerada um objeto de luxo, apenas viável nos grandes centros e nos ricos colégios. Era alguma coisa desejável e boa, entretanto, não absolutamente essencial para a comunidade ou para o trabalho de classe. Hoje, porém, tornou-se uma necessidade e é um apêndice da escola moderna. Assumiu o seu lugar próprio como unidade de trabalho e de pesquisa incorporada a todas as faces da vida urbana e rural. E principalmente na escola, tornou-se o seu laboratório intelectual (FERRAZ, 1972, p. 23).

De acordo com Milanesi (1983), com a evolução da história das bibliotecas, principalmente, no século XX, “a biblioteca substituiria a sala de aula expositiva, o discurso do mestre daria lugar ao acesso crítico à informação” (p.52) e as bibliotecas públicas ganharam espaços no interior das instituições de ensino.

A partir de 1971, as bibliotecas públicas, foram praticamente, transformadas em biblioteca escolar. É nessa data que as pesquisas passaram a se constituir numa obrigação escolar. [...] Foram, pois, as pesquisas escolares que tornaram a biblioteca algo mais concreto: havia uma necessidade clara que justificava a sua existência (MILANESI, 1993, p.54).

As mudanças tecnológicas contribuíram para repercussão das bibliotecas escolares, a exigência profissional para atender essa demanda, influenciaram todas as áreas da sociedade, alterando as dimensões do trabalho, inclusive nos diferentes tipos de bibliotecas (universitárias, escolares, especializadas, públicas). Com isso, o conceito de biblioteca vem se transformando e se ajustando por meio de sua própria história.

3.2 Conceito de biblioteca escolar

A Unesco considera a biblioteca como uma coleção organizada de documentos de vários tipos, aliada a um conjunto de serviços destinados a facilitar a utilização desses documentos, com a finalidade de oferecer informações, propiciar a pesquisa e concorrer para educação e o lazer. Assim, ela configura como a “porta de entrada para o conhecimento, fornece[ndo] as condições básicas para o aprendizado permanente, autonomia das decisões e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais” (UNESCO, 1976, pp. 158/163).

A lei 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País, define biblioteca escolar “coleção de livros, materiais vídeo gráficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura”.

Em consonância com a lei, Silva e Araújo (2009) conceituam biblioteca escolar como local destinado a fornecer materiais bibliográficos necessários para as atividades de professores e alunos, devendo estar intimamente relacionado com a escola, de funcionamento como complemento das atividades realizadas em classe e desempenhando um importante papel na formação do hábito de leitura.

A definição extraída por Negrão (1987) do Modelo Flexível para o sistema nacional de bibliotecas escolares trata a biblioteca escolar da seguinte forma:

A biblioteca escolar é um instrumento de desenvolvimento de currículo e permite o fomento à leitura e à formação de uma atitude científica; constitui um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente; fomenta a criatividade, a comunicação, facilita a recreação, apoia os docentes na sua capacitação e oferece a informação necessária para a tomada de decisão em aula. Trabalha também com os pais e outros agentes da comunidade (NEGRÃO, 1987, p. 87).

Chegamos, assim, ao consenso de que a biblioteca é um lugar de livros e outros materiais que geraram informações e conhecimento e os coloca disponível a toda comunidade escolar, de modos, serem bem-sucedidos em relação à informação e o conhecimento e desenvolverem competências para a aprendizagem em longo prazo.

A incumbência da biblioteca escolar é “habilitar os alunos para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve sua imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis” e “fornecer condições básicas para o aprendizado permanente, autonomia das decisões e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais” (IFLA, 2000).

A biblioteca escolar promove o acesso a serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios. A biblioteca escolar é essencial a qualquer estratégia de longo prazo relacionada a competências à leitura e escrita, à educação e informação e ao desenvolvimento

econômico, social e cultural. A biblioteca escolar é parceiro imprescindível para atuação em redes de biblioteca e informação tanto em nível local, regional como nacional. A biblioteca escolar é parte integrante do processo educativo (IFLA, 200, pp.2/4).

3.3 Biblioteca e sua relação com a leitura

Parece comum, muitas vezes chega a ser óbvia, a associação de leitura com biblioteca. Quando isso ocorre, vem à mente a imagem de um espaço cheio de livros, acessórios informatizados, ambientes aconchegantes. Esse é o modelo idealizado, com base nas projeções próprias do iluminismo. Sobre o risco de estar equivocada, atrevo-me a dizer que raramente essa é a imagem de uma biblioteca escolar.

Com a propagação da leitura e a necessidade de formar sujeitos leitores, têm-se discutido e investido em ações, projetos, programas e ações que contribuem para valorização desse espaço. Há consciência de que as bibliotecas escolares têm responsabilidade com relação à leitura. A leitura de bons livros, além de força da experiência estética, de intenso conteúdo emocional, oferece algo extraordinário: ensina a tolerância a cada indivíduo e facilita o convívio com a diversidade cultural e social. É por meio da leitura que se formam cidadãos críticos, condição indispensável de cidadania, na medida em compreendem o significado das vozes que se manifestam no debate social e de pronunciar sua própria voz, tomando consciência de seus direitos e sabendo lutar por eles.

A biblioteca escola deve funcionar como espaço privilegiado em que tais coisas aconteçam, organizando-se para que os estudantes, sob orientação e com a participação dos professores, encontrem possibilidade de estudo, de pesquisa, de descoberta, de questionamento dos temas e conteúdos que estão aprendendo. Não para que produzam mecanicamente o que lhes foi apresentado no espaço de sala de aula, mas para que ampliem e tornem vivos e significativos estes aprendizados (BRITTO, 2011, p. 24).

A biblioteca é um lugar onde se adquire, produz e reproduz conhecimentos que “habilita os alunos para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve sua imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis” (IFLA, 2000, p.1); “fornece as condições básicas para o aprendizado permanente, autonomia das decisões e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais” (UNESCO, 1976. p.1); “apresenta-se como possibilidade objetiva de produção e disseminação da cultura e do conhecimento, de formação intelectual e política, de experimentação estética e afirmação subjetiva.” (BRITTO, 2016, p.17).

Britto (2016) pontua que “o leitor se forma na escola, e a biblioteca participa dessa formação, como parte integrante que é da escola.” Isso significa a inserção da biblioteca no projeto

pedagógico da escola e em políticas de leitura que provoquem e problematizem os aspectos sócios, da cultura, da política, dos vários segmentos sociais que estão além do panorama imediato. A formação de leitores nas escolares cria frequentadores de bibliotecas, não apenas durante o período escolar, mas durante o resto da sua vida. Deste modo, as bibliotecas escolares contribuem para que futuros cidadãos sobrevivam de forma autônoma numa sociedade que privilegia aqueles com maior poder aquisitivo.

Carvalho (1981) explica que “a leitura era vista por alguns autores como aspecto crucial da ação pedagógica da biblioteca, a qual teria objetivo primeiro criar nos educandos os hábitos indispensáveis de leitura e trabalho intelectual, que lhe serão úteis não somente durante a vida de estudante, mas que lhe proporcionarão, meios para um desempenho melhor na vida social e profissional”. A biblioteca escolar atende as demandas da comunidade escolar, dispõe de diversos suportes, em virtude de que o conteúdo da sociedade contemporânea se encontra distribuído em diversos instrumentos, tanto materiais, como eletrônicos.

Considerando a importância da biblioteca no desenvolvimento cultural de um povo, a inexistência de bibliotecas nas escolas e na comunidade, ou sua existência precária, fere os direitos dos cidadãos de se formarem leitores, de terem acesso às informações e ao patrimônio da cultura humana e de desenvolverem conhecimentos para a aprendizagem ao longo da vida e para a vida de trabalho.

A biblioteca pode ser o local onde se forma o leitor crítico, aquele que seguirá vida afora buscando ampliar suas experiências existenciais através da leitura. Mas, para tanto, deve ser pensada como um espaço de criação e de compartilhamento de experiências, um espaço de produção cultural em que crianças e jovens sejam criadoras e não apenas consumidoras de cultura (CARVALHO, 2002, p. 22).

Logo,

Não se pode pensar em democratização do ensino encarando a biblioteca como órgão dissociado do planejamento educacional, pensando-se apenas em aulas expositivas, baseadas na transmissão oral de conhecimentos. A educação é um ato dinâmico, crítico, transformador e a biblioteca moderna deve extrapolar o caráter conservador e armazenador da informação, passando a agir como um centro de aprendizagem dinâmica e participativa (SILVA, 1999, p. 67).

A escola é a principal instância de formação do aluno, cabendo-lhe proporcionar o contato com a leitura e o conhecimento, e a biblioteca escolar é o espaço ideal para isso. Mesmo quando sendo um espaço simples, é importante que o aluno tenha contato com o livro na biblioteca, sem imposições, mas como descoberta. Espaço integrante do processo educativo, a biblioteca escolar, participa dos processos de ensino-aprendizagem, com acervo diversificado e profissional que oriente desde os empréstimos de livros até as atividades de leitura.

Obviamente, este funcionamento efetivo não depende unicamente da organização do espaço, mas de como a escola a incorpora no processo de ensino aprendizagem.

3.4 O PNBE e outras políticas e ações de democratização da leitura

A relevância das bibliotecas escolares no contexto educativo e social tem sido cada vez mais acentuada. Apresentada como bem essencial e excelente recurso educativo, repercutindo a ideia de que todos os indivíduos pertencentes à comunidade escolar conheçam as políticas e ações em prol da biblioteca, de modo a exigir sua efetivação nos espaços educacionais.

Com a difusão da leitura e da necessidade de formar sujeitos leitores, as bibliotecas escolares têm ganhado ênfase, tendo como primeiro objetivo,

“criar nos educandos os hábitos indispensáveis de leitura e trabalho intelectual, que lhe serão úteis não somente durante a vida de estudantes, mas que lhe proporcionarão, no futuro, meios para um desempenho melhor na vida social e profissional” (CARVALHO, 1981, p. 22).

Com essa preocupação, o Ministério da Educação (MEC) promove, desde 1980, ações de incentivo à leitura, dentre as quais a mais significativa é a distribuição de acervos às escolas públicas brasileiras. Dentre os programas destacam-se: Programa Nacional Sala de Leitura (PNSL, 1984 a 1987); Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler, 1992 e ainda em vigência); Programa Nacional Biblioteca do Professor (PNBP, 1994 a 1996), Programa Nacional Biblioteca da Escola PNBE, 1997 a 2017).

Todos esses programas tiveram significância no contexto das discussões da promoção do incentivo à leitura na educação brasileira. No entanto, por conta da sua abrangência e por ter sido o programa que mais distribuiu acervos para escolas públicas brasileira e recentemente ter sido pauta de muitas discussões sobre sua possível extinção vamos nos deter um pouco mais ao PNBE.

O PNBE foi instituído em abril de 1997, pela Portaria MEC nº 584, com o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura dos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. Para que as escolas pudessem aproveitar ao máximo os acervos recebidos, o MEC enviou o Manual Básico da Biblioteca da Escola, cujo conteúdo da apresentação é o seguinte:

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) nasceu do desejo do Ministério da Educação e do Desporto (MEC) de oferecer oportunidades de democratização da cultural, reduzindo a distância entre o Brasil dos letrados e o dos excluídos. Com esse objetivo, está sendo doado às escolas públicas de ensino fundamental um acervo composto por obras consagradas da literatura brasileira e obras de referência, entre outras. [...] Foi pensando nas escolas que estarão organizando sua biblioteca pela primeira

vez que o MEC elaborou este manual: ele é prático e visa fornecer os passos básicos para que a escola possa aproveitar ao máximo os livros recebidos (PNBE, 2013, p. 3).

Com base no manual, observa-se perspectiva positiva no que se refere à política pública de leitura para as escolas e a oportunidade de oferecer cultura a todos e a diminuir a distância entre letrados e excluídos. Constitui-se, no contexto da sociedade brasileira, a possibilidade de reverter à tendência histórica de restrição do acesso aos livros e à leitura, antes privilégio apenas de pequena parcela da população.

Brandão (2016) apresenta, de forma sucinta, como pontua a autora, panorama histórico do PNBE, com o percurso e investimentos do MEC na distribuição de acervos e periódicos.

Quadro 1- Abrangência e investimento do programa

PROGRAMA – ANO	ATENDIMENTO	QUANT.	VALORES
PNBE 1998	E.F- anos finais	3.660.000	29.830.886,00
PNBE 1999	E.F - anos iniciais	3.924.000	24.727.241,00
PNBE 2000	Biblioteca do professor	3.728.000	15.179.101,00
PNBE 2001	Alunos 4ª e 5ª série	60.923.940	57.638.015,60
PNBE 2002	Alunos 4ª série	21.082.880	19.633.632,00
PNBE 2003/2004	Alunos 4ª	20.855.750	18.494.879,10
PNBE 2003/2004	Alunos 8ª série	13.689.320	14.757.086,96
PNBE 2003/2004	Alunos do final do 2º segmento - EJA	3.470.904	2.956.053,24
PNBE 2003/2004	Bibliotecas Municipais	6.372.912	6.246.212,00
PNBE 2003/2004	Biblioteca da escola	3.193.632	44.619.529,00
PNBE 2003/2004	Professores	1.451.674	13.769.873,00
PNBE 2005	E.F - anos iniciais	5.918.966	47.268.337,00
PNBE 2006	E.F - anos finais	7.233.075	45.509.183,56
PNBE 2008	Educação infantil	1.948.140	9.044.930,30
PNBE 2008	E.F - anos iniciais	3.216.600	17.336.024,72
PNBE 2008	Ensino Médio	3.437.192	38.902.804,48
PNBE 2009	E.F - anos finais	7.369.973	47.347.807,62
PNBE 2009	Ensino Médio	3.028.298	27.099.776,68
PNBE VOLP 2009	Biblioteca da escola	204.220	3.051.046,80
PNBE 2010	Educação Infantil	3.390.050	12.161.043,13
PNBE 2010	E.F - anos iniciais	5.798.801	29.563.069,56
PNBE 2010	EJA	1.471.850	7.042.583,76
PNBE do Professor 2010	Professores	6.983.131	59.019.172,00
PNBE Especial 2010	Alunos e professores	1.241.458	9.869.621,25
PNBE Periódicos 2010	Biblioteca da escola	11.530.430	29.060.529,34
PNBE 2011	E.F - anos finais	3.861.782	44.906.480,00
PNBE 2011	Ensino Médio	1.723.632	25.905.608,00
PNBE Periódicos 2011	Biblioteca da escola	11.530.430	31.150.900,98
PNBE 2012	Educação Infantil	3.485.200	24.265.902,91
PNBE 2012	E.F – anos iniciais	5.574.400	45.955.469,82
PNBE 2012	EJA	1.425.753	11.216.573,38
PNBE Periódicos 2012	Biblioteca da escola	15.149.880	53.295.402,47
PNBE 2013	E.F - Anos Finais	5.207.647	56.677.338,63
PNBE 2013	Ensino Médio	2.218.884	29.704.045,58
PNBE do Professor 2013	Professores	12.106.780	104.601.159,59
PNBE Periódicos 2013	Biblioteca da escola	14.885.649	57.072.470,94
PNBE 2014	Educação Infantil Creche	4.209.150	17.730.630,46
PNBE 2014	Educação Infantil Pré-escola	7.966.028	32.807.029,60

PNBE 2014	E.F - anos iniciais	5.599.737	31.616.454,48
PNBE 2014	EJA	1.619.100	10.208.749,32
PNBE Periódicos 2014	Biblioteca da escola	14.751.055	58.477.152,20
TOTAL		316.440.303	1.163.462.259,86

Fonte: Brasil, 2015, *apud*, Brandão, 2016.

Em 2007, não houve distribuição por conta de mudança nomenclatura do PNBE, sendo que até 2006, o nome do programa se referia ao ano de aquisição. Em 2007 por diante, passou a referir-se ao ano de atendimento. Assim, os livros do PNBE 2008 foram adquiridos em 2007. Nos anos seguintes, o programa continuou sua trajetória, sendo que o último registro de distribuição de acervos ocorreu em 2014, o PNBE temático.

Para os anos sequenciais, aponta Brandão (2016, p 11) que:

O PNBE 2015 conta também com o PNBE Indígena, o qual possui como objetivo adquirir obras de literatura sobre esses povos para estudantes e professores da educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, os acervos são compostos por vinte e cinco (25) obras. No entanto, o PNBE Indígena ainda não houve a distribuição às escolas, os livros passaram pelas etapas do edital até a avaliação, ficando para dar sequência na negociação com as editoras, porém até o momento atual (junho de 2017), ainda não tem divulgado as informações sobre a previsão da negociação até a distribuição para às escolas. O PNBE 2016, até fevereiro de 2016, estava disponibilizado apenas o edital para o triênio de 2016 a 2018 do PNBE Periódicos, no momento atual o Programa passa por uma instabilidade, sem direcionamentos específicos para a sua permanência ou extinção.

Na carta intitulada “Brasil, Nação Leitora”, entidades clamam pela continuidade de políticas públicas de inclusão da literatura frente à imposição de cortes nas verbas do Ministério da Educação.

Entendemos que a formação de leitores, assim como a constituição de acervos de bibliotecas escolares com livros de literatura devem ser prioridades nas ações do Estado e, portanto, do Ministério garantindo a mesma qualidade na formação a todas as crianças e jovens brasileiros, independente da cidade onde vivem, das carências e desigualdades de cada região.

No decorrer dos 18 anos de realização, o PNBE foi o programa que mais investiu na compra e distribuição de livros para escolas públicas brasileiras; no entanto, a precariedade e falta de espaços físico e a ausência de profissionais capacitados, políticas de conscientização de uso dos acervos não têm contribuído para que o programa alcance plenamente seu principal objetivo.

Pesquisa realizada por Paiva; Berenblun (2006), “PNBE: leitura e biblioteca nas escolas públicas brasileiras”, relata visita a 196 escolas, localizadas em oito estados e dezenove municípios, traz amostras representativas do total de escolas que receberam os livros do PNBE de 1999 até 2006. Nos estados selecionados, abrangendo todas as regiões do Brasil, foram escolhidas as capitais e mais um ou dois municípios. As amostras tiveram 102 escolas de capitais e 94 de outros municípios; 100 escolas estaduais e 96 municipais.

A pesquisa demonstra que é preciso mais que distribuir acervos para fazer as bibliotecas escolares adquirirem importância no processo de valorização da leitura no país, indicando que, além da dificuldade do acesso, existem outros problemas. Um deles é a necessidade de articulação entre o acervo os responsáveis pela mediação e a existência de espaços adequados (apenas 27,8 mil unidades de ensino fundamental dentre 143,6 mil, 19,3% do total, dispõem de bibliotecas, segundo o Censo Escolar 2005). No que tange à questão física, a existência de muitas salas ou cantinhos de leitura em substituição a bibliotecas indica a tendência ao improvisado, denotando lugar secundário que é destinado a esses espaços.

Uma característica tristemente representativa desses variados espaços e desenhos de ambientes de leitura estiveram simbolizados pela chave, a síntese do inacessível, do inatingível, que vedava inúmeros espaços e acessos: de salas de leitura, de bibliotecas, de armários, todos eles fechados, com portas escondendo o enigma atrás das muralhas intransponíveis ao acesso e fruição dos usuários, estudantes e professores, comunidade (PAIVA; BERENBLUN, 2006, p. 16).

Teixeira (2002) afirma que, a biblioteca escolar pública não necessita só de bons acervos. É preciso trabalho de formação e conscientização dos educadores e governantes sobre sua importância para o ensino de qualidade.

a biblioteca escolar pública brasileira carece, inclusive, de compreender o seu papel dentro da escola, onde se vê que é preterida nas discussões orçamentárias e concorre com a merenda escolar por alguns poucos vinténs. Por mais bem-intencionada que seja nenhuma política pública governamental será capaz de dotar as escolas públicas brasileiras de um número razoável de livros enquanto não for ampliada a dotação orçamentária do ensino. Portanto, tem-se que pensar em ações duradouras e mais abrangentes (TEIXEIRA, 2002, p. 373).

Outro programa que merece destaque é Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), cujo principal objetivo: “é melhorar a realidade de leitura do País, com o envolvimento de toda a sociedade brasileira, para que seja possível promover inclusão social e cultural e uma organização social mais justa” (BRASIL, 2006). Dispõe o artigo primeiro do plano de ação;

Art. 1º Fica instituído o Plano Nacional de Livro e da Leitura (PNLL), de duração trienal, tendo por finalidade básica assegurar a democratização do acesso ao livro, o fomento e a valorização da leitura e o fortalecimento da cadeia produtiva do livro como fator relevante para o incremento da produção intelectual e o desenvolvimento da economia nacional (BRASIL, 2006, p.1).

O plano de ação do PNLL (Plano Nacional de Livro e da Leitura) divide-se em quatro eixos: democratização do acesso, fomento à leitura e formação de mediadores, valorização da leitura e comunicação e apoio à economia do livro. Prevê também a implantação de novas bibliotecas municipais e escolares, além da continuidade do programa de distribuição de livros para as escolas; dos programas de formação de mediadores de leitura até o financiamento para gráficas e editoras.

Ao contrário, dos programas anteriores, o PNLL abrange outras dimensões que vai desde a distribuição de acervos, à implantação de bibliotecas e formação de mediadores de leituras. Pontua Silva (2006) que:

O PNLL é um plano ambicioso, pois sua proposta busca abranger a leitura, não apenas pela distribuição de livro, mas ampliar o olhar para a cadeia que a envolve: a biblioteca, a pesquisa e a formação do mediador, além da indústria do livro. Se este Plano governamental tem mérito, é preciso esperar que as metas avancem além da Lei e se transformem em realidade (SILVA, 2006, p. 52).

Embora ambicioso, como pontua Silva, o programa parece não conseguir superar a mera distribuição de livros, sendo notória a ausência de ações políticas em prol das bibliotecas escolares. O que se observa é que esses espaços, quando existem nas escolas, são pouco valorizados, criando-se estigmas do tipo “depósito de livros”, “espaço de entretenimento”, “lugar de passar tempo”, cuja finalidade não corresponde com o propósito da biblioteca de contribuir e difundir o conhecimento.

Além da falta de políticas de valorização da biblioteca, a ausência de profissionais nesse espaço tem sido destacada pela literatura. No artigo “Situação das bibliotecas escolares no Brasil: o que sabemos?” de Bernadete Campelo (2012, p.17), encontram-se duas referências que enfatizam o problema: Nascimento (200, p.7) resume a questão: “A situação encontrada em relação aos recursos humanos foi de extrema gravidade, constituindo talvez o maior problema detectado na pesquisa” e Abreu (2002, p. 13) concluiu que a análise dos dados revela “a persistência de problemas, dos quais o mais evidente é o de pessoal”.

Quando há presença de pessoas responsáveis dentro desses espaços, a pesquisa aponta que é pequeno número de responsáveis com formação em biblioteconomia; presença constante do professor readaptado e falta de treinamento da equipe. Moro (2011, p. 69) ressalta que:

A biblioteca escolar, como ambiente de aprendizagem, precisa de uma equipe de qualidade e competência para proporcionar aos usuários a construção do conhecimento, em um espaço de interação, de trocas e de crescimento. Somente quando tivermos técnicos, professores e bibliotecários atuando conjuntamente, cooperativamente, no contexto da biblioteca e da escola, será possível oferecer à comunidade escolar a biblioteca dos sonhos e a que todos têm direito.

Para autora, para que haja dinâmicas eficientes dentro das bibliotecas escolares, de modo que a leitura aconteça e a biblioteca cumpra seu papel educativo, é indispensável à presença de bibliotecário, o qual, “além de exercer a função de mediador, estabelece elos entre a informação, a leitura, o livro e os usuários, exercendo a função de educador e contribuir para a construção de um mundo melhor” (MORO, 2011, p. 69).

O investimento contínuo na distribuição de obras de literatura tem fornecido aos estudantes e professores materiais de leitura variados para promover tanto a leitura literária, como fonte de fruição e reelaboração da realidade, quanto à leitura como instrumento de ampliação de conhecimentos. No entanto, a ausência de profissionais nesses espaços não favorece o diálogo entre livro e leitor. Além disso, o aproveitamento correto dessas bibliotecas – isso parece ser uma das grandes falhas do sistema de ensino – exige trabalho, que pode ser facilitado pela inserção e valorização responsáveis pelas bibliotecas.

A Lei 12.244 de 24 de maio de 2010, dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País e no parágrafo único ressalta que:

Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

O gerenciamento das bibliotecas escolares deve estar dentro de políticas e ações bem estruturadas, e o papel do gestor das escolas públicas é ficar atento a tudo isso, cobrar do poder público o que direito do cidadão. Conforme previsto na lei, para que haja efetivação da biblioteca escolar, cabe aos sistemas de ensino (escolas, secretarias, municípios e estados) esforços progressivos para universalização das bibliotecas escolares, o que inclui preservação, organização e funcionamento das bibliotecas. Destaca a lei, que no prazo máximo de dez anos, todas as instituições de ensino, públicas ou privadas, devem dispor de uma biblioteca. E ressalta, também, que seja respeitada a profissão de Bibliotecário.

O bibliotecário escolar é o elemento do corpo docente profissionalmente habilitado, responsável pelo planejamento e gestão da biblioteca escolar. É apoiado por uma equipe tão adequada quanto possível, trabalhando em conjunto com todos os membros da comunidade escolar e em ligação com a biblioteca pública e outras [...] Seu papel é contribuir para a missão e para os objetivos da escola (IFLA, 2000, p. 12).

Apesar das determinações da lei, a realidade parece não condizer com as expectativas. Faltam dois anos para que se cumpra o prazo determinado pela lei e o que se observa, tanto na prática quanto nas pesquisas na área, é que número significativo de escolas não possui biblioteca, muito menos bibliotecário.

Embora a valorização da leitura, a distribuição de acervos e o reconhecimento das bibliotecas escolares têm sido compreendidos como passo inicial para chegar à democratização desses saberes. No entanto, não tem sido suficiente para que ela se consolide como bem essencial e recurso educativo. Faltam investimentos para manutenção e funcionamento desses espaços; valorização dos profissionais; adesão das secretarias de educação e da própria gestão das escolas que aceitam passivamente essa situação.

3.5 O que é biblioteca como processo de formação nos tempos atuais?

Observam Silva e Silva (2010) que a biblioteca é um espaço repleto de alternativas de formação e informação. Compreender a biblioteca nos dias de hoje, especialmente no que se refere à explosão informacional, além da vertiginosa transformação tecnológica e sua influência direta na sociedade não é desafio fácil, o que não quer dizer que seja tarefa impossível.

Sobre a biblioteca na sociedade de informação, Britto (2016, p.41) acentua que:

Mais recentemente, com a expansão e diversificação da cultura massiva e eletrônica, a universalização da educação básica e a ampliação das exigências de qualificação laboral, a biblioteca passou a ser uma possibilidade de formação ampliada. Contudo, premissa pelo pragmatismo, massifica-se sem democratizar-se, pouco contribuindo para o acesso ao conhecimento e a uma formação que compreenda o imediatismo e avance além dele.

Para o autor, mais que desenvolver atividades de consulta e empréstimos, despertar o gosto pela leitura ou promover atividades de leituras direcionadas, a biblioteca apresenta-se como possibilidade de produção e disseminação da cultura e do conhecimento, de formação intelectual e política, de experimentação estética e afirmação subjetiva.

Ela sintetiza o esforço dos homens de, em sua vida cotidiana, em seus conflitos e interesses, produzir a própria existência: saber e poder ler é saber e poder dar conta desse processo, de suas causas, formas, consequências; é saber e poder indagar para além das aparências e reagir para além de estímulos (BRITTO, 2016, p.18).

Segundo o autor, a biblioteca moderna quer ser dinâmica, flexível, integrada, informatizada, conectada; quer ser democrática e assistir gente de toda estirpe; quer estar disponível e acessível. E, sendo diversas as possibilidades de leitura e diversos os públicos, ela se estruturará de forma a dar conta dessa diversidade, respeitando os tempos e dinâmicas de cada um e desdobrando os espaços e acervos. Mas sempre tendo como princípio a formação, o encontro com o conhecimento, à introspecção criativa.

A emergência da sociedade informação e a modificação dos paradigmas de ensino têm gerado novas exigências às bibliotecas escolares. Além de garantir o acesso às informações, a biblioteca tem como desafio contribuir para que os indivíduos possam se apossar dessas informações e transformá-la em conhecimento. Isso implica diálogo permanente entre professores, responsáveis pela biblioteca e alunos. Como afirma Freire (2005), a organização coletiva, oposta a manipulação, leva a massa a pensar, ganhando consciência de classe, o que gera a procura incessante pela libertação.

A biblioteca escolar constitui como instrumento privilegiado do desenvolvimento de um novo modelo de escola. Ao saciar a sede de informações de seus usuários, produz e reproduz conhecimento, desenvolve hábitos de leituras, de trabalhos conducentes à autonomia e anseio

pela aprendizagem ao longo da vida. Ela assegura aos indivíduos saberes necessários que lhes permitam agir e viver de forma consciente. Portanto, não pode limitar-se a reproduzir, a transmitir a seus usuários, informações, valores, normas, sem levá-las a refletir, a questionar, a compreender, de forma política, ética e crítica, o mundo ao seu redor.

Castrillon (2012) afirma que a biblioteca, enquanto espaço social complexo sustentado por uma rede de relações é um bem e um espaço para a construção do público, capaz de desempenhar papel na construção da democracia e na dignificação do espaço público e das pessoas que nele habitam. Enfatiza que, a partir do momento em que a sociedade reconheceu como inaceitável que muitas pessoas estejam privadas do acesso à cultura escrita e a leitura, começou a descobrir as bibliotecas como aliadas na luta contra a exclusão. No entanto,

A biblioteca pública investe o tempo que lhe resta em demonstrar que a leitura é agradável, por meio de atividades denominadas *lúdicas*, termo que há algumas décadas tinha na educação uma dimensão libertadora e agora foi capitalizado pelo mercado das indústrias de entretenimento, que despoja a leitura de seu caráter de ferramenta do pensamento e da reflexão, tentando torná-la fácil com o objetivo de estimular seu consumo massivo (CASTRILLON, 2012, p. 01).

Como resultado,

a biblioteca converte a leitura em um jogo de evasão que nega seu convite à reflexão e ao diálogo interior, ao conhecimento do mundo e de si mesmo. Acaba com a intimidade, com o silêncio criador e com seu convite ao questionamento. Nega como disse Bartolomeu Campos de Queirós, a força que a palavra tem para dar ordem ao caos, para “transformar a desordem em beleza e movimento”, pois com essas atividades a palavra desaparece para tornar-se ruído (CASTRILLON, 2012, p. 05).

De acordo com a autora, as bibliotecas respondem a uma pressão da sociedade e são vítimas da mudança de sentido que a sociedade atribui à leitura; no entanto, a necessidade de transformar essa situação e de preencher com outro conteúdo a atividade tanto das bibliotecas públicas como das escolares com programas de leitura que trazem as seguintes características:

- ✓ Colocam a leitura e a escrita a serviço dos seres humanos – crianças, jovens e adultos – e não o contrário, como acontece algumas vezes.
- ✓ Realizam práticas de leitura socializantes, onde os participantes atuam como sujeitos ativos de um processo que lhes permite descobrir, de um lado, as suas potencialidades como leitores e escritores, pré-requisito para o acesso à cultura escrita, e, de outro, que a leitura lhes diz respeito, os reúne, e que precisam dela, pois o que vemos é que a maioria das pessoas se sente rejeitada pela leitura.
- ✓ Propõem – como observa Paulo Freire – que as pessoas que participem deles ampliem suas possibilidades de uma leitura autônoma do mundo, a qual é menos possível sem a leitura da palavra.
- ✓ Partem da suposição que somente com leitura, escrita, reflexão e pensamento são possíveis fomentar a leitura, a escrita, a reflexão e o pensamento. E que a melhor forma de fazer isso é em grupos.
- ✓ Trabalham com qualquer tipo de pessoas, especialmente com aquelas que se encontram em situações críticas de marginalização, violência e deslocamento por causa da guerra e da pobreza.
- ✓ Privilegiam a leitura da literatura sobre outros tipos de textos escritos, sem desvalorizar ou desencorajar outras leituras. A linguagem simbólica, sugerida e ambígua

- oferece várias possibilidades de compreensão do mundo e de apreensão de uma memória compartilhada.
- ✓ Partem do princípio de que “só o melhor é bom” quando se trata de fornecer material de leitura àqueles que não o tem.
 - ✓ Criam espaços não autoritários ou elitistas e convidam a abandonar o esquema assistencialista que caracteriza a maioria dos programas de fomento à leitura, em que uns poucos que *sabem o que os outros precisam* levam seus conhecimentos aos que *não sabem*, ou seja, as crianças e os pobres.
 - ✓ São programas que não admitem avaliações quantitativas e estão mais interessados em saber o que acontece por meio de acompanhamentos e observações de cunho qualitativo.
 - ✓ Em geral, são programas não institucionalizados, realizados por grupos de pessoas que, embora às vezes trabalhem estavelmente em uma biblioteca, fazem isso por iniciativa própria e não respondem às políticas da instituição (CASTRILLON, 2012, p. 06).

Observa Castrillon que esses programas podem ajudar pessoas a encontrar na palavra diversas possibilidades de ser e de ter um lugar no mundo. No entanto, ressalta que:

o problema é mais profundo e estrutural, é um problema de exclusão social e econômica que nasce de ambições particulares ilimitadas. Mas também não duvido que trabalhar para alcançar uma distribuição mais justa desse bem público que é a escrita permitiria criar condições para que os que foram excluídos por ela a tornem um instrumento de transformação de suas realidades e de enriquecimento de si mesmos (CASTRILLON, 2012, p. 6).

A sociedade se desenvolve em interesses antagônicos; portanto, não é de interesses da classe dominante, formar sujeitos pensantes, o que significaria intervir na ordem marcada pelos interesses e divisão de classes. Já dizia Freire (1984, p. 89): “Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que permitisse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de forma crítica”.

Em posse dessa consciência, devemos insistir na propagação das bibliotecas como espaço democrático de acesso a produção da cultura e do conhecimento e instrumento de transformação das realidades e enriquecimento social e cultural. Embora não seja tarefa fácil e haja um longo percurso a ser percorrido, o reconhecimento e as discussões acerca do tema já representam conquista significativa.

As bibliotecas escolares voltaram a encontrar novas oportunidades nessas políticas, como projetos nacionais associados mais uma vez à melhoria da qualidade da educação. Países como Argentina, Chile e México, com modelos diferentes, começaram a introduzir nas suas políticas de educação a questão das bibliotecas escolares e, até mesmo na sua legislação, a obrigação de organizá-las no interior das escolas (CASTRILLON, 2014, s/p).

No Brasil, a criação e manutenção desses espaços têm se efetivado, ainda que, de forma lenta e precária. Os investimentos na compra e distribuição de acervos para escolas tem sido representativo, no entanto, a falta de políticas consistentes, no que tange estruturação,

manutenção e funcionamento por parte dos órgãos envolvidos com a educação contribuem para a pouca utilidade dos acervos e desvalorização desses espaços.

A IFLA (2000, p. 2), em seu Manifesto para Biblioteca Escolar, atribui aos governos a responsabilidade pelo espaço, através de programas, legislações e políticas próprias relacionadas ao espaço:

A responsabilidade sobre a biblioteca escolar cabe às autoridades locais, regionais e nacionais, portanto deve essa agência ser apoiada por política e legislação específicas. Deve também contar com fundos apropriados e substanciais para pessoal treinado, materiais, tecnologias e instalações.

As ações efetivas giram especialmente em torno da distribuição de acervos, mas não leva em consideração a construção de espaços físicos para abrigá-las, quando muito, sugere adaptações. Tais iniciativas tem sua importância, no entanto, as condições de aprendizagem são limitadas as condições objetivas desse espaço.

As carências das bibliotecas escolares são visíveis no que tange ao espaço, acervos, organização e a formação do pessoal. A combinação das políticas de distribuição de livros com a construção, implantação e promoção dos espaços de leitura, bem como formação de profissionais especializados é o grande desafio. É, pois, importante que se crie e se siga uma política bem definida, a fim de que se assegure o pleno funcionamento das bibliotecas.

A superação das lacunas não é fácil, pois não existe, no nosso país, cultura bibliotecária, não se fazem esforços no sentido de tornar a biblioteca escolar recurso imprescindíveis. Para que haja mudança, é necessária a consciência de que efetivação de boas bibliotecas escolares nas instituições de ensino é sinal de educação e ensino de qualidade.

Para que isso aconteça, é necessário que ela seja incorporada por todos os atores envolvidos (alunos, pais, professores, técnico e gestão) nesse processo e que haja a inclusão desses espaços nos Projetos Políticos Pedagógicos, de modo a criar estratégias de funcionamento e recursos de integração com todos que fazem parte do ambiente escolar. A biblioteca trabalha com e para a escola e com todos que compõem a comunidade escolar e não de forma isolada.

o que faz uma biblioteca não é o seu edifício nem os livros que possui, nem mesmo sua sofisticada sistematização. Nestes aspectos, pode ser muito ostentosa, mas o que a torna verdadeiramente *pública e inclusiva* é a sua capacidade de convocar a todos para descobrir este bem público que é a palavra escrita. E, quando falo de todos, me refiro especialmente àqueles que, por várias razões, não se identificam com a capacidade de ler e escrever e de utilizar essa ferramenta para o pensamento e para a reflexão (CASTRILLON, 2012, pp. 5/6).

4 BIBLIOTECA ESCOLAR: A REDE ESTADUAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE SANTARÉM – PA

A biblioteca moderna quer ser dinâmica, flexível, integrada, informatizada, conectada; quer ser democrática e assistir gente de toda estirpe; quer estar disponível e acessível. E, sendo diversas as possibilidades de leitura e diversos os públicos, ela se estruturará de forma a dar conta dessa diversidade, respeitando os tempos e dinâmicas de cada um e desdobrando os espaços e acervos. Mas sempre tendo como princípio a formação, o encontro com o conhecimento, à introspecção criativa (BRITTO, 2016, p.19).

4.1 Contextualização da pesquisa

O presente capítulo aborda a metodologia utilizada na elaboração do trabalho, cujo objetivo é produzir a cartografia das bibliotecas escolares da rede estadual de ensino do município de Santarém de modo a verificar as possibilidades e dificuldades da sua contribuição na formação intelectual dos alunos.

O município de Santarém está localizado no Oeste do Pará, com aproximadamente 296.447 mil habitantes. Tem 36 escolas estaduais de Ensino Fundamental e Médio, sendo seis de Ensino Fundamental, 26 de Ensino Fundamental e Médio, cinco de Ensino Médio, duas de atendimento educacional especializado (APAE e UEES), um núcleo de educação tecnológica (NTE) e uma educação de jovens e adultos (CEEJA). A pesquisa considerou as escolas estaduais de Ensino Fundamental e Médio localizadas na zona urbana de Santarém, num total de 30 unidades, verificando-se estrutura física e disponibilidade de recurso e investimentos; acervo e conservação; atendimento e funcionamento das escolas visitadas.

As visitas às unidades escolares aconteceram no período de março de 2017 a maio de 2018, com algumas limitações, como paralização das escolas, atraso no início de ano letivo e dificuldades de acesso aos espaços de leitura.

4.2 Metodologia da pesquisa

A pesquisa é a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo (MINAYO, 2009 pág. 16). Ela contribui para o desenvolvimento do campo a ser investigado de forma a transformá-lo, quer seja em pequenas ou em grandes medidas. Assim para que se alcance o objetivo proposto, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: estudo conceitual, revisão bibliográfica e pesquisa de campo.

O estudo conceitual buscou adensar o referencial teórico da pesquisa, com ênfase nos seguintes temas: Educação omnilateral; formação; leitura; biblioteca escolar. Para Minayo

(2016), a definição teórica e conceitual é um momento crucial, é à base de sustentação da pesquisa, devendo estabelecer um diálogo reflexivo entre teoria e o objeto estudado.

A revisão bibliográfica buscou reconhecer como os tópicos centrais do trabalho, Educação escolar; Leitura e formação omnilateral; biblioteca escolar e como têm sido concebidos pelo campo de estudo. Por se tratar de temas atuais, exigem olhar cuidadoso para não cairmos no senso comum.

Foi realizado levantamento de acervos e busca na internet de dissertações e teses que abordassem os temas relacionados à pesquisa, com ênfase em estudos sobre bibliotecas, em outros estados e municípios, para que houvesse compreensão do panorama da situação real das bibliotecas escolares. Além dos dados auferidos por levantamentos em um universo limitado, a pesquisa deve dispor dos dados organizados e sistematizados por trabalhos afins, que funcionam como referência e comparação dos dados, permitindo a verificação independente de sua consistência e um mapeamento dos perfis das bibliotecas escolares em âmbito mais abrangente.

A pesquisa de campo é momento empírico da pesquisa; corresponde a observação in locu, quando o pesquisador produz dados de modo a compreender o problema.

Nessa fase, foram realizados os seguintes procedimentos:

Primeira etapa: Levantamento das escolas da rede estadual de ensino junto a Secretaria de Educação do Estado. Segundo informações da 5ª URE, órgão responsável pelas unidades escolares do estado, o município de Santarém tem 30 unidades escolares na zona urbana, destas, 25 com espaço destinado a funcionar como biblioteca/sala de leitura e cinco sem qualquer espaço específico para esse fim. (Quadro 2).

Segunda etapa: verificou-se in locu a existência de BE e, quando houvesse, sua localização, dimensões, condições de uso e a existências de pessoas lotadas, horário e carga horária. Das 25 unidades educacionais, 14 têm professores lotados com carga horária de 100 horas. (Quadro 2).

Na **Terceira etapa** foi feito o mapeamento e verificação das bibliotecas escolares, por meio da ficha cartográfica, dos seguintes itens: infraestrutura, acervo, dinamização das bibliotecas e as políticas educacionais desenvolvidas nela e para ela; Entrevistas com o responsável pela biblioteca com foco na sua percepção da funcionalidade e do efeito dela na dinâmica escolar e na formação do aluno. Nessa etapa foram utilizados os seguintes instrumentos:

- ✓ Roteiro de visita: o roteiro de visita para nortear a pesquisa, como critério foi adotado a localização e proximidade das escolas;
- ✓ Ficha cartográfica: composta de 24 perguntas objetivas e uma subjetiva;

- ✓ Ficha de impressões do pesquisador: para registros relevantes para pesquisa que não se inserem na ficha cartográfica; depoimentos dos entrevistados, Iconografia e Croquis.
- ✓ Registro dos PNBES recebido pelas unidades escolares, com base em pelo menos um livro de cada ano, inclusive nas escolas em que não há biblioteca (Quadro 1).

Realizada a etapa acima, foi observado que em 21 BEs havia padronização de estantes; dessas, nove com balcões, além de mesas, armários e coleções com vários exemplares de uma mesma obra. Todos com carimbo ou tombo do SIEBE/Projeto Alvorada, o que nos fez deduzir que, em algum momento, houve um projeto de ação que incorporou essas BEs; isso nos motivou a uma nova busca: O que era o SIEBE e o Projeto Alvorada? E em que consistiu a intervenção desses projetos? E em que contribuíram com as BEs?

Para dar mais consistência a pesquisa, foi incluída a análise de dois casos – trabalhos desenvolvidos em duas bibliotecas da rede estadual de ensino do município Santarém – quando se analisa a situação das BEs anteriores a esses trabalhos, depois e atualmente, no desenvolvimento dessa pesquisa. Por fim, são apresentados os resultados da pesquisa por tabelas, registros fotográficos, descrição e análise postas de forma objetiva, simples e clara, e analisadas de acordo com a realidade da educação brasileira e da escola pesquisada.

4.3 Análise e apresentação dos resultados

Nesta seção, serão apresentados os dados, análise e resultados da pesquisa. Para tanto será tomada como referência o que determina os parâmetros para criação e avaliação de bibliotecas escolares, elaborado pelo Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e publicado em 2010, as diretrizes do instituto IFLA/UNESCO e a lei 12.244/ 2010 que prevê a universalização das bibliotecas.

Para a análise contextual, elaborou-se o quadro 2, relativo à existência de biblioteca nas escolas (pergunta 1 da ficha cartográfica). As escolas foram identificadas por algarismo romano e as bibliotecas por BE, seguido da numeração correspondente à escola.

Do total de 30 escolas consideradas na pesquisa, 25 apresentam BEs. Das que têm biblioteca, 14 estão **ativas I**, são BEs com professor (es) lotado(s), com carga horária de 100 horas e nos turnos em que não há professor os alunos têm acesso por intermédio da direção, técnicos e professores docentes; 10 estão **ativas II**, são BEs sem professor lotado, mas os alunos

têm acesso, por intermédio da direção, técnicos e professores docentes e uma **está inativa** (tem espaço e acervo, mas não está funcionando).

Quadro 2: Situação das escolas quanto à existência de biblioteca e seu funcionamento

Nº	Unidade Escolar	Existência (biblioteca)		BE ativa I	BE ativa II	BE inativa
		Sim	Não			
1	Escola I	X		X		
2	Escola II	X		X		
3	Escola III	X		X		
4	Escola IV.	X		X		
5	Escola V	X			X	
6	Escola VI	X			X	
7	Escola VII	X			X	
8	Escola VIII	X			X	
9	Escola IX	X			X	
10	Escola X	X				X
11	Escola XI	X			X	
12	Escola XII		X			
13	Escola XIII		X			
14	Escola XIV	X		X		
15	Escola XV	X		X		
16	Escola XVI	X		X		
17	Escola XVII	X			X	
18	Escola XVIII		X			
19	Escola XIX	X		X		
20	Escola XX	X		X		
21	Escola XXI	X			X	
22	Escola XXII		X			
23	Escola XXIII	X		X		
24	Escola XXIV	X		X		
25	Escola XXV	X			X	
26	Escola XXVI		X			
27	Escola XXVII	X		X		
28	Escola XXVIII	X		X		
29	Escola XXIX	X			X	
30	Escola XXX	X		X		
TOTAL:30		25	5	14	10	1

Quanto ao funcionamento, das 25 escolas que tem BEs, 24 funcionam de alguma forma, umas com a mediação do professor lotado e outras de acordo com a disposição de funcionários para atender os alunos quando precisam de algum livro e uma, apesar de ter espaço e acervo não estar funcionando. No entanto, compreendemos que não basta apenas existir ou funcionar de qualquer forma. É preciso condições favoráveis para que a biblioteca cumpra seu papel.

Sob essa lógica, buscaremos apresentar os resultados de forma analítica se essas bibliotecas escolares estão em conformidade o que diz os documentos legais já citados.

4.3.1 Espaço físico

De acordo com Vanz (2015, p, 2), o planejamento de uma biblioteca inicia com a análise do espaço. Quando o prédio é projetado especialmente para ser biblioteca, consegue-se prever e atender os requisitos mínimos. Prédios reformados ou adaptados nem sempre atendem as condições mínimas, mas, com algum conhecimento destas condições, é possível chegar perto do ideal.

Campello (2010) coloca que “o planejamento do espaço da biblioteca deve ser feito em função do acervo e do uso que se pretende dele fazer”. Os parâmetros de criação e avaliação de bibliotecas escolares preveem dois níveis de indicadores de espaços: o nível básico, que supõe espaço físico de 50 a 100 m²; e o nível exemplar, com espaço mínimo de 300m².

A biblioteca escolar de maior porte inserida nessa pesquisa (BE 28) tem espaço de 16,60m de comprimento por 8,50m, totalizando 141m², e foi projetada para esse fim. Apresenta condições espaciais adequadas para funcionar como biblioteca escolar, paredes com cores claras, o que favorece a iluminação do local; a climatização é natural, por meio de janelas venezianas e, por ficar nos altos, mantém temperatura agradável. No entanto, por ficar localizada sobre a secretaria, sala dos professores e coordenação pedagógica, os alunos se sentem receosos em frequentá-la, além disso, não se pensou na acessibilidade para cadeirantes, pois a única forma de acesso é por escada.

Registro fotográfico 1: Espaço de leitura – BE 28



Registro fotográfico realizado em 06/09/2017.

Dezenove bibliotecas (BE1, BE2, BE3, BE4, BE5, BE7, BE9, B10, BE14, BE15, BE16, BE17, BE19, BE20, BE23, BE24, BE27, BE29 e BE30) estão instaladas em sala de médio porte, com espaços que variam entre de 6m e 6,30 de largura por 12m a 15 de comprimento, e 72m² a 90 m², o que a colocam dentro dos parâmetros mínimos exigidos (CAMPELLO, 2010). No entanto, nem todas apresentam condições adequadas de funcionamento (organização,

iluminação, climatização). Inclusive a BE10 não apresenta condições para uso sobre a qual falaremos mais adiante.

Para melhor visualização das dimensões que apresentam estas bibliotecas traçamos um panorama da divisão espacial dos modelos padrões encontradas por esta pesquisa.

Modelos 1: Espaço amplo, iluminado e climatizado; têm dois compartimentos divididos por parede metade MDF e metade vidro, um para pesquisa, estudos e trabalhos em grupo, com seis mesas e trinta e cinco cadeiras (Registro fotográfico 2) e, outro destinado à organização de acervo e materiais dos estudos e pesquisa, além de dispor de balcão e mesa para estudos individuais (Registro fotográfico 3). Apenas a BE2 apresenta esse modelo.

Registro fotográfico 2: Espaço de leitura para leitura da BE2



BE 2: Registros realizado em 22/05/2018.

Registro fotográfico 3: Espaço destinado para acervo e estudos individuais da BE2



BE2: Registros realizado em 22/05/2018.

Modelos 2: Espaço amplo, iluminado e climatizado; não há divisão entre acervos e espaço de leitura. Há apenas organização espacial, de um lado estão as estantes com os acervos, noutro,

mesas, cadeiras e balcões para estudos individuais. Corresponde a esse modelo quatro bibliotecas.

Registro fotográfico 4: Espaço de leitura modelo 2 – BE 17



Registro realizado em 19/10/2017.

Modelos 3: Espaço amplo, iluminado e climatizado; não há divisão entre acervo e espaço de leitura. As estantes ficam enfileiradas e encostadas à parede, favorecendo a circulação dos alunos. As mesas e cadeiras ficam espalhadas no centro do espaço próximo aos acervos. Há divisão apenas onde fica o responsável e os acervos de uso exclusivo dos professores. Somente duas apresentam esse modelo.

Registro fotográfico 5: Espaço de leitura modelo 3– BE 20



Registro realizado em 24/10/2017.

Modelos 4: Espaço amplo, iluminado e climatizado; é dividida por um balcão que separa o espaço destinado a leitura do acervo. De um lado, estão as estantes com acervos e noutro mesas e cadeiras. Este modelo tem sido o mais adotado, doze BEs correspondem a esse modelo.

Com base nos modelos expostos, é possível notar algo comum a todos. A necessidade haver pelos menos três adequações dentro das BEs: a) espaço destinado à disposição do acervo; b) espaço ou cabine estudos individuais; c) espaço para estudos, pesquisa e trabalhos em grupos.

Registro fotográfico 6: Espaço de leitura – BE 24



Registro realizado em 26/01/2017.

Tais espaços são necessários dentro da biblioteca escolar, levando em consideração o público e as possibilidades de usos, podendo ser individuais ou coletivos, quando a professora promove atividades que envolvem a turma inteira.

As bibliotecas de cinco escolas BE6, BE8, BE11, BE21 e BE25 não se enquadram nos parâmetros mínimos exigidos (CAMPELLO, 2010). Possuem espaços que variam entre de 2,30 a 5 de largura por 5m e a 8m de comprimento, não ultrapassando a 40m². São espaços menores iluminados e climatizados, criados por iniciativa da própria gestão e de professores.

Registro fotográfico 7: Espaços de leitura das BE6, BE8, BE21, BE25



BE6: Registro realizado em 07/08/2017.



BE8: Registro realizado em 05/09/2017.



BE21: Registro realizado em 23/11/2018



BE25: Registro realizado em 18/05/2017.

Apesar da dimensão espacial dessa BES ser um pouco menor, os modelos se assemelham-se aos 2 e 3, apresentados anteriormente, conforme mostra os registros fotográficos, com exceção a BE11, pois não nos foi autorizado o registro fotográfico.

Cinco escolas não têm BE. De acordo com a gestão dessas instituições, a ausência de BEs se dá pela falta de espaços; justificam que as salas disponíveis não atendem a demanda de sala de aula.

Na ausência da sala de aula, espaço para reunião ou para reprodução de vídeos parece ser conveniente, subutilizar a Biblioteca. À exemplo, durante a pesquisa as BE4 e BE29 estavam funcionando como sala de aula por a escolas está passando por reforma nesse período, já a BE9, embora não estivesse passando por reformas estava funcionando como sala de vídeo e reuniões.

Registro fotográfico 8: Bibliotecas funcionando como sala de aula e reuniões



BE4: Registro realizado em 16/04/2018



BE29: Registro realizado em 22/05/2018.



BE9: Registro realizado em 18/05/2017.

Em suma, vinte escolas apresentam BEs com espaços razoáveis, amplos, iluminados, climatizados e com capacidade para receber de 30 a 40 alunos e estão em acordo com o que estabelece parâmetros para biblioteca, ainda que nem todas apresentem condições para uso, como veremos no item funcionamento, cinco não se enquadram nos parâmetros, são espaços menores iluminados, climatizados e organizados por iniciativa da própria gestão e de professores.

Nas BEs: BE5, BE6, BE 15 e BE20, além das estantes de ferro, foram registradas estantes de madeiras, com compartimento abertos e fechados. Nestas estantes, ficam alocados livros como coleções, enciclopédia, dicionários e didáticos.

Nas bibliotecas BE2, BE14, BE15, BE16, BE17, BE19, BE27 e BE30 foram encontrados balcões de madeiras adquiridos com recursos do projeto alvorada. Vale ressaltar que foram 21 escolas beneficiadas por este projeto e, em apenas oito foi encontrado esse móvel.

Registro fotográfico 10: estantes de madeira



BE 06: Registro realizado em 07/10/2017



BE 15: Registro realizado em 24/10/2017.

São balcões para com capacidades para seis computadores; no entanto, nas BEs, quando há esse equipamento, ele não funciona. Na ausência de computador, esse mobiliário é utilizado para alocar coisas: livros, quadros, vasos, caixas, globo, bolsas entre outras. Em algumas BEs, estão se deteriorando.

Registro fotográfico 11: Balcão



BE16: Registro realizado em 21/06/2018.

Nas BES: BE1, BE7, BE17, BE20 e BE25 foram registrados armários de ferro multi-uso com duas portas, utilizados para guarda documentos e materiais diversos; alguns adquiridos pelo projeto alvorada, outros com recurso da própria instituição, uns em estado bom de conservação, outros um pouco danificados.

Nas BES: BE5, BE14 e BE26 foram registrados armários de ferro modelo arquivo, com quatro gavetas utilizadas para documento de alunos, outros para documentos diversos e outros para armazenamento de livros.

Registro fotográfico 12: armários de ferro com dois compartimentos



BE7: Registro realizado em 16/05/2018



BE14: Registro realizado em 18/10/2017.

Registro fotográfico 13: armários para arquivos



BE5: Registro realizado em 11/03/2017



BE14: Registro realizado em 27/10/2017



BE7: Registro realizado em 18/05/2017.

Somente na BE16 foi registrado armário de ferro, modelo guarda-volumes com dezesseis compartimentos acompanhados de chaves.

Com exceção, a uma BE em que as mesas são todas de plásticos, todas dispõem de mesas de madeiras com quatro cadeiras que variam entre seis a doze mesas, podendo comportar entre 24 a 28 alunos (ver no registro fotográfico 4, 5 e 6).

Quanto aos aparelhos eletrônicos e informatizados, os parâmetros para bibliotecas escolares sugerem no nível básico pelo menos um computador ligado à internet para uso exclusivo de professores e alunos em atividades; no nível exemplar: computadores ligados à internet para

uso exclusivo de professores e alunos em atividades, em número suficiente para uma classe inteira.

Registro fotográfico 14: armários para guarda volume



BE7: Registro realizado em 18/05/2017.

O quadro 3 demonstra a presença de computadores nas bibliotecas pesquisadas e aponta a raridade desse equipamento, ainda mais com acesso à internet. Do total de 25 BEs, duas têm computador com acesso à Internet (BE17 e BE18) e se enquadram no nível básico; seis bibliotecas escolares têm de computador sem acesso à internet, apenas para trabalho administrativo; em outras cinco, o computador não funciona e, em quatorze, não há computadores.

Quadro 3: Disponibilidade de computador na BE

Biblioteka	com acesso à internet / uso do professor	sem acesso à internet / uso do professor	com acesso à internet / uso dos alunos	sem acesso à internet / uso dos alunos	não funciona	Não tem
BE1						X
BE2	X					
BE3						X
BE4		X				
BE5						X
BE6					X	
BE7						X
BE8		X				
BE9						X
BE10					X	
BE11						X
BE14					X	
BE15						X
BE16					X	
BE17					X	
BE18						X
BE19		X	X			
BE20		X	X			
BE21						X
BE23						X
BE24		X				
BE25						X

BE27						X
BE28		X				
BE29						X
BE30						X
TOTAL	1	6	2		5	14

4.3.3 Acervo

O acervo deve atender as necessidades e demanda da comunidade escolar, contemplando a diversidade áreas do conhecimento, os gêneros textuais e fontes de informação variadas: livros de conhecimento históricos, filosóficos e científicos, literários, periódicos e revistas da atualidade, enciclopédias. Como pontua Campello,

Uma boa biblioteca possui coleção selecionada em função dos interesses da comunidade a que serve. Não é um amontoado de livros recebidos por doação ou enviados por órgãos governamentais que, embora com a melhor das intenções, não conhecem a fundo as necessidades da escola. Ela deve ser organizada de forma a permitir que o livro ou material certo seja encontrado com facilidade e rapidez (CAMPELLO, 2010, p. 15).

A lei 12.244 de 24 de maio de 2010 (BRASIL, 2010) determina que

Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, *cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade*, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, *organização e funcionamento das bibliotecas escolares*. (Grifos meus).

De acordo com a lei, é obrigatório pelo menos um livro por aluno; no entanto, não especifica que tipo de livro, ressalva, ainda, que é de responsabilidade do sistema de ensino a ampliação desse acervo, bem como sua organização e funcionamento. Logo, a responsabilidade não é apenas do Estado em fazer com que estes espaços aconteçam dentro das unidades escolares.

As diretrizes da IFLA/UNESCO estipulam coleção média de livros deve ter dez livros por estudante. Uma escola de menor porte deve ter pelo menos 2.500 itens relevantes e atualizados, para proporcionar acervo amplo e equilibrado a usuários de todas as idades, habilidades e bases de conhecimento. Pelo menos 60% da coleção devem ser constituídos de recursos de não-ficção relacionados aos programas escolares

Os parâmetros para biblioteca escolar afirmam ser necessários, no nível básico, a partir de um título por aluno e, no nível exemplar, a partir de quatro títulos por aluno, não sendo necessário mais que cinco exemplares de cada título. Deve contemplar a diversidade de gêneros textuais e de fontes de informação destinadas aos variados usos escolares.

Nas bibliotecas pesquisadas, não foi possível saber o número exato de livros que compõem cada acervo por não haver registro. No entanto, em registro visual, foi possível observar que as escolas têm acervos razoáveis (acima de 500 títulos), enquadrando-se no nível básico.

O quadro 4 mostra a presença dos acervos do PNBE a partir de 2002, muito embora o programa tenha começado em 1997 com distribuição em 1998, as limitações da pesquisa (tempo e acessibilidade) não nos permitiram estudo mais aguçado do PNBE desde o seu início, muito embora faça sugestão de outras pesquisas nesse sentido por conta da dimensão do programa e sua extinção. O quadro foi constituído com base, em pelo menos um exemplar, encontrado por ano nas referidas escolas. Nas escolas em asteriscos vermelho, não foi possível averiguar a presença do PNBE por conta da impossibilidade de acesso a estes livros.

Na BE10, a escola estava em reforma e vários materiais foram armazenados nesse espaço, fato que impediu a circulação e conseqüentemente a verificação desse item da pesquisa. Nas BEs 13 e 19, a não existência de BE fez com que não houvesse espaço destinado ao acervo, sendo alocado em vários espaços: direção, sala de professores, secretarias e sala de recursos humanos o que impossibilitou averiguar esse item.

Quadro 4: Acervos do PNBE recebidos pelas escolas

ANO	E 01	E 02	E 03	E 04	E 05	E 06	E 07	E 08	E 09	E 10	E 11	E 12	E 13	E 14	E 15	E 16	E 17	E 18	E 19	E 20	E 21	E 22	E 23	E 24	E 25	E 26	E 27	E 28	E 29	E 30
PNBE 2002	-	-	-	-	-	-	-	-	-	*	-	-	*	-	-	-	X	*	-	-	-	*	X	X	-	*	-	X	-	-
PNBE 2003 / 2004	X	X	X	X	X	X	X	X	X	*	X	X	*	X	X	X	X	*	X	X	X	*	-	X	-	*	X	X	X	-
PNBE 2005	-	-	-	-	-	-	-	-	-	*	-	-	*	-	-	-	-	*	-	-	-	*	X	-	-	*	-	X	-	-
PNBE 2006	X	X	X	X	-	X	X	X	X	*	X	X	*	X	X	X	X	*	X	X	X	*	X	X	X	*	X	X	-	-
PNBE 2008	X	X	X	X	-	X	X	X	X	*	X	X	*	X	X	X	X	*	X	X	-	*	X	X	X	*	X	X	-	X
PNBE 2009	X	X	X	X	X	X	X	X	X	*	X	X	*	X	X	X	X	*	X	X		*	X	X	X	*	X	X	X	X
PNBE 2010	X	X	X	X	X	X	X	X	X	*	X	X	*	X	X	X	X	*	X	X	X	*	X	X	X	*	X	X	X	X
PNBE 2011	X	X	X	X	X	X	X	X	X	*	X	X	*	X	X	X	X	*	X	X	X	*	X	X	X	*	X	X	X	X
PNBE 2012	X	X	X	X	X	X	-	X	X	*	X	X	*	X	X	X	X	*	X	X	X	*	X	X	X	*	X	X	X	X
PNBE 2013	X	X	X	X	X	X		X	X	*	X	X	*	X	X	X	X	*	X	X	X	*	X	X	X	*	X	X	X	X
PNBE 2014	X	X	X	X	X	X	X	X	X	*	X	X	*	X	X	X	X	*	X	X	X	*	X	X	X	*	X	X	X	X

Somente quatro escolas (E17, E24, E27 e E29) atendem as series iniciais e, por isso, só nelas foram encontrados PNBEs destinados a séries iniciais (1° ao 5°), sendo que as demais atendem o fundamental maior (6° ao 9° ano) e ensino médio.

O quadro acima permite constatar que os acervos têm chegado a essas unidades, inclusive nas escolas que não têm BE, (armazenam-se os livros na sala de recursos, diretorias, secretarias e sala de professores). No entanto, não têm sido suficientes para garantir a circulação e uso das obras por alunos e professores.

O registro fotográfico 15 demonstra a qualidade literária dos acervos, tanto de autores nacionais quanto internacionais, clássicos como “Crime e castigo” de Dostoiévski entre outros.

Registro fotográfico15: Acervo PNBE



BE5:Registro realizado em 11/03/2017. Acervo PNBE.

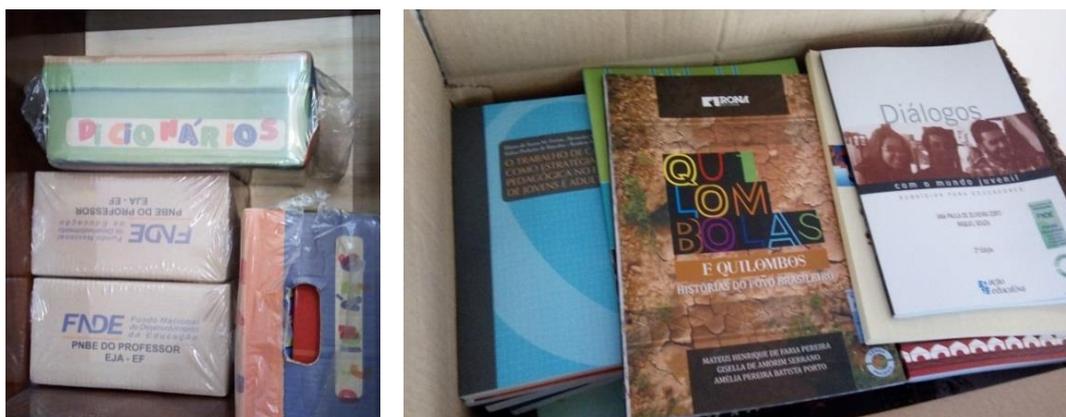
Em alguns casos foi possível registrar a presença de acervos deteriorados, com evidente falta de conservação e marcas de traça e barata e em oito BEs houve registro de livros encaixotados, sem nunca terem sido usados.

Registro fotográfico 16: Acervos deteriorados



BE5:Registro realizado em 11/03/2017.

Registro fotográfico 17: Acervos do PNBE em caixas



BE5: Registro realizado em 11/03/2017.

Outro fator observado foi a presença em grande escala de livro didático nas BEs; aliás isso parecer predominar na maioria desses espaços. A política de desenvolvimento de acervo das bibliotecas escolares da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte pontua que,

O livro didático enviado pelo Ministério da Educação através do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD ao aluno não é acervo de biblioteca. Esse tipo de obra é de uso dos alunos em sala de aula e não é registrado pois, como obra integrante do catálogo da biblioteca (BELO HORIZONTE, apud CAMPELLO, 2010, p. 13).

No entanto, tal assertiva parece não coincidir com a realidade do município de Santa-rém, tanto que foi possível registrar a presença de livros didáticos, em pequena ou grande escala, em todas as BEs pesquisadas.

O quadro 5 foi elaborado para análise detalhada da presença de livros didáticos nas BEs, com quatro categorias: a) Não incorpora LD (ausência total de LD); b) Incorpora como parte do acervo – livros de estudo e pesquisa, (há presença de LD como parte de acervo bibliográfico, catalogados e registrados); c) Armazena em grande quantidade sem incorporação (LD em abundância, arrumados (não organizados) em estantes e armários e não são utilizados pelos alunos; geralmente são livros de anos anteriores); d) Depósito de LD (quantidade expressiva de LD, arrumados ou não, e estão ali por não haver outro lugar para depositá-los; geralmente são LD atuais que deveriam ser distribuídos para os alunos).

Quadro 5: Presença de livros didáticos nas BEs

Unidade Escolar	Não incorpora LD	Incorpora como parte do acervo	Armazena grande quantidade sem incorporação	Depósito de LD
BE1			X	
BE2			X	
BE3			X	
BE4				X
BE5				X
BE6				X
BE7				X
BE8		X		

BE9				X
BE10				X
BE11				X
BE14				X
BE15			X	
BE16				X
BE17			X	
BE19			X	
BE20		X		
BE21		X		
BE23			X	
BE24		X		
BE25		X		
BE27		X		
BE28				X
BE29				X
BE30				X
TOTAL	0	6	7	12

Das 25 BEs, em sete os LD são incorporados em quantidade apropriada como parte do acervo – livros de estudo e pesquisa; em seis, embora organizados, estão armazenados em grande quantidade sem incorporação e em doze servem de depósito de LD, arrumados ou não (modelo 1), amontoados de LD com materiais diversos (modelo 2) e amontoados de LD em cantos, balcões em cima e embaixo de mesas.

Registro fotográfico18: BE depósito modelo 1



BE 4:Registro realizado em 16/05/2018.

Na BE4, há quantidade abundante de LD arrumados em três estantes de madeira de 2 metros e uma de 4 metros que ocupam três paredes do espaço. Em outro compartimento da BE, foram registrados LD empilhados, instrumentos da banda aleatórios e em caixas. A abundância de LD nas BEs representa visão equivocada de que biblioteca é lugar de livros (– É livro? Guarda na biblioteca). Como consequências, as BEs tornam-se lugar de armazenamento e distribuição de livros.

Registro fotográfico19: BE depósito modelo 2



BE 4:Registro realizado em 16/05/2018.

Registro fotográfico 20: Livros didáticos em abundância na BE



BE7: Registro realizado em 20/05/2018.

Registro fotográfico 21: Presença de materiais diversos na BE



BE10: Registro realizado em 18/05/2017.

Além dos livros didáticos, compõe ou enfatiza esses estigmas a presença de instrumentos e materiais do programa Mais Educação, do Clube De Ciências, instrumentos de fanfarra, cadeiras, computadores e ar-condicionado danificados, cadeira quebradas, maquetes, brinquedos e materiais pedagógicos, conforme registro abaixo.

A presença em grande escala de livros didáticos e outros materiais que não deveriam estar nesses espaços reflete uma realidade que vem sendo enfatizada nos debates e estudos na área: “As bibliotecas como depósitos de livros didáticos e materiais diversos” (SILVA, 1999).

4.3.4 Organização do acervo

Os acervos devem estar organizados seja por áreas de conhecimento, gêneros, faixa etária ou por ordem de tombo para facilitar que o livro buscado seja encontrado com facilidade além de favorecer os serviços prestados pela biblioteca.

O registro deve ser feito no livro de registro ou digitado em planilha ou sistemas operacionais para biblioteca, logo após a entrada do livro na biblioteca. O número de registro é sequencial e único para cada exemplar. É importante que o responsável pela biblioteca se familiarize e conheça o acervo disponível para que possa sugerir a seus usuários.

Os parâmetros definem que a organização no nível básico: o catálogo da biblioteca inclui pelo menos os livros do acervo (para registro), permitindo recuperação por autor, título e assunto; no nível exemplar: o catálogo da biblioteca é informatizado e possibilita o acesso remoto a todos os itens do acervo; permite – além de recuperação por autor, título e assunto – recuperação por outros pontos de acesso.

Nas Bes BE1, BE2, BE3, BE6, BE9, BE14, BE16, BE18, BE20, BE21, BE22, BE29 e BE30 encontraram-se alguns livros de classificação, seja com sobrenome, gênero, área de conhecimento e registro de entrada. No entanto, em apenas duas escolas quase todos estavam classificados, registrados, etiquetados e organizados por gêneros com fitas coloridas. Nas demais, há indícios de início de classificação e descontinuação do trabalho. Ao indagar sobre o observado, constatou-se que foram trabalhos realizados por professores, técnicos, estagiários e voluntários. Em outros casos, o professor lotado iniciou o trabalho, mas não conseguiu dar continuidade. Em três das bibliotecas pesquisadas, o trabalho de organização foi realizado por alunos da UFOPA que fizeram trabalhos de intervenção nesses espaços.

Registro fotográfico 22: Organização do acervo



BE21: Registro realizado em 22/11/2017



BE2: Registro realizado em 22/05/2018



BE6: Registro realizado em 11/03/2017.

4.3.5 Serviços e atividades

A Unesco destaca que a biblioteca escolar oferece serviços de apoio à aprendizagem, disponibilizando livro e outros recursos informacionais à comunidade escolar, possibilitando-lhes tornarem-se pessoas críticas e usuários competentes de informações em todos os formatos e meios, sendo necessário o planejamento contínuo, permanente e dinâmico. Como atividades básicas, estão empréstimo e devolução de livro; registro e controle dos materiais; auxílio ao processo de ensino-aprendizagem; apoio pedagógico aos professores; incentivo à leitura; e pesquisa no acervo bibliográfico da escola.

Os parâmetros para criação e avaliação de bibliotecas colocam que o serviço oferecido regulamente no nível básico: inclui consulta no local, empréstimo domiciliar, incentivo à leitura e orientação à pesquisa; no nível exemplar: além dos serviços acima, a divulgação de novas aquisições, exposições e serviços específicos para os professores, como levantamento bibliográfico e boletim de alerta.

Das atividades desenvolvidas nas BEs, predominam serviços de orientação à pesquisa, empréstimo e devolução de livros. Nos horários e espaços em que não há professor responsável, o serviço é realizado pela gestão, técnicos e professores. Nas BE2, BE3, BE4, BE15, BE17, BE20, BE21, BE24, BE28 e BE31, há registro de atividades e projetos de leitura (roda de leitura, saraus literários, produção de poesia, representação teatral de obras, chá literários e projetos com autores, gêneros e obras específicas) em parceria ou não do professor.

Das 15 BEs com professores lotados, dez se enquadra no nível básico, desenvolvendo atividades de leitura; seis apresentam serviços de orientação à pesquisa, empréstimo e devolução. Sobre esta última, Milanesi (2002) pontua o papel do bibliotecário na educação escolar:

Cabe a ele não só atender à demanda, mas principalmente criar a demanda pela leitura. Isso significa que esse profissional exerce funções de educador – o que é muito diferente de um mero organizador de acervos e de empréstimos. Ele trabalha num cenário e com elementos específicos: as informações registradas, seja em que suporte for, pelas quais deve conduzir e seduzir o educando. A atividade dele é partilhada com o professor. É tarefa do mediador de leitura organizar não apenas o acervo, os serviços e o ambiente, mas estabelecer o itinerário pelos infinitos e conflituosos caminhos do conhecimento. Já ao professor cabe uma outra ação complexa: além dos discursos e exercícios, há o desafio permanente de capacitar o educando de tal forma que ele desenvolva uma reflexão própria, criando o seu próprio discurso. Essa interação entre dois profissionais voltados para a infância e adolescência pode ocorrer a partir de suas especializações. Enquanto um trabalha para organizar acervos, espaços e as navegações prazerosas pelo saber, o outro discute, provoca, introduz a dúvida e exercita o educando à produção de ideias e à aquisição da autonomia de pensar (MILANESI, 2002, p. 26).

Destarte, faz-se necessário a presença de profissionais no âmbito dessas bibliotecas que não só atenda a demanda, serviços básicos, mas que crie demanda que estimule a busca por informações e conhecimentos.

4.3.6 Pessoal

O profissional responsável pela biblioteca é o bibliotecário, designação privativa do bacharel em biblioteconomia, cujo exercício da profissão é regulamentado por lei de 1962, seguida de decretos e atualizações (BRASIL, 1962; BRASIL, 1965; BRASIL, 1986; BRASIL, 1998) e regida por código de ética próprio (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECOLOGIA, 2002).

As bibliotecas escolares pesquisadas não dispõem de profissionais com formação em Biblioteconomia. São professores, com formação em Língua Portuguesa, que encaminham projetos com propostas de atividades ou são professores readaptados. São professores com carga horária de lotação de 100 horas dentro das bibliotecas e que não atuam apenas nesse espaço; agregam em suas funções competências para as quais não foram preparados, embora consigam cumprir com as atividades básicas para que estes espaços funcionem.

Alguns estados ou municípios, sob a justificativa de não haver profissionais suficientes para atender a demanda, identificam esse espaço como “sala de leitura”, hipoteticamente eximindo-se da obrigatoriedade da contratação de bibliotecário. No Estado do Pará, não se localizou documento oficial que reconheça esses espaços pedagógicos como biblioteca ou sala de leitura. Na entrevista com responsáveis instituições pesquisadas, há divergências de opiniões: alguns afirmam se tratar de bibliotecas escolares, outros de sala de leitura.

A instrução normativa N° 3, de 1 de março de 2016 dispõe sobre critérios a serem adotados para lotação de pessoal nas Unidades Administrativas e Escolares da Secretaria de Estado de Educação, referido pelas informantes da pesquisa, estabelece no seu art., 2° que,

A lotação em **Biblioteca Escolar ou Sala de Leitura** só poderá ser efetivada para **professor** com Licenciatura Plena em Língua Portuguesa lotados nas disciplinas **Língua Portuguesa, Língua Portuguesa II ou Literatura**, condicionado ao efetivo funcionamento do espaço e apresentação de relatório trimestral devidamente postado pelo professor no SAPP com validação da direção da escola (Grifos meus).

Observa-se que não há definição exata, podendo ser um ou outro, apenas estabelecendo que, para lotação, deve ser professor de Língua Portuguesa ou Literatura. No entanto, registrou-se a presença de um professor de Geografia, readaptado, para esses espaços.

4.3.7 Horário de funcionamento

No geral, as BEs pesquisadas têm horário de funcionamento condicionado ao horário da escola, da disponibilidade e boa vontade de quem possa atender o aluno para empréstimo e devolução, já que na maioria das BEs tais atividades são realizadas pela gestão, professores e técnicos das escolas, quando solicitada pelos alunos. Nos casos em que há lotação, elas ficam abertas em turnos específicos, em apenas duas a lotação se dá nos três turnos.

Quadro 6: Quantidade de professores lotados e horários de atendimento

Biblioteca	Professores lotados	Funcionamento		
		Matutino	Vespertino	Noturno
BE1	1	X		X
BE2	1		X	X
BE3	2	X		X
BE4	1	X		
BE14	3	X	X	X
BE15	1			X
BE16	1			
BE19	1		X	
BE20	1	X	X	
BE23	1	X		
BE24	3	X	X	X
BE27	1			X
BE28	1	X	X	
BE30	2	X	X	
TOTAL: 14	18	10	7	7

Obs. Dados atualizados em junho de 2018.

No panorama geral, são dezoito professores lotados, com carga horária de 100 horas, que equivalem a quatro horas diárias em turnos alternativos, em duas o atendimento ocorre nos três turnos; em quatro bibliotecas apenas um professor atende em horário e dias alternados.

A lotação nas bibliotecas escolares se dar mediante a aprovação de projeto de leitura elaborado pelo professor de Língua Portuguesa que deseja atuar nesse espaço e deve estar em consonância com o PPP da escola. Estes são cadastrados no Sistema de Acompanhamento de Projeto Pedagógico (ASPP), cabendo ao Sistema estadual de bibliotecas escolares (SIEBE)

analisar e validar esse projeto, sendo posteriormente autorizada a lotação pela direção da escola e a Coordenação de Lotação (CODES da SEDUC), nos turnos em que a escola atende.

4.3.8 Políticas de ações e assessoramento das bibliotecas escolares de Santarém: Siebe e Projeto Alvorada

O SIEBE e o órgão responsável pelas Bibliotecas Escolares do estado do Pará e está diretamente ligado à Secretaria Adjunta de Ensino (SAEN), que “visa contribuir para o fomento da leitura e construção da cidadania, por meio de ações inclusivas que possibilitem a ampliação do conhecimento e o fortalecimento de cada sujeito, enquanto fomentador de cultura e de saberes, assegurando deste modo” (Secretaria de Educação, portaria 015/2005, de 14 de setembro de 2005).

De acordo informações disponíveis na página do Siebe, seu objetivo é “incentivar o estímulo da leitura como passo fundamental e determinante para a liberdade e exercício da cidadania; orientar quanto a conservação, preservação e uso do acervo e à importância da utilização da biblioteca nas atividades curriculares e extracurriculares, assim como incentivar a leitura; difundir a biblioteca enquanto espaço cultural, com possibilidade para a prática da leitura e pesquisa, por meio do planejamento e prorrogação anual da escola e fomentar as atividades de leitura com diversos autores e temas, buscando maior conhecimento de diferentes culturas”.

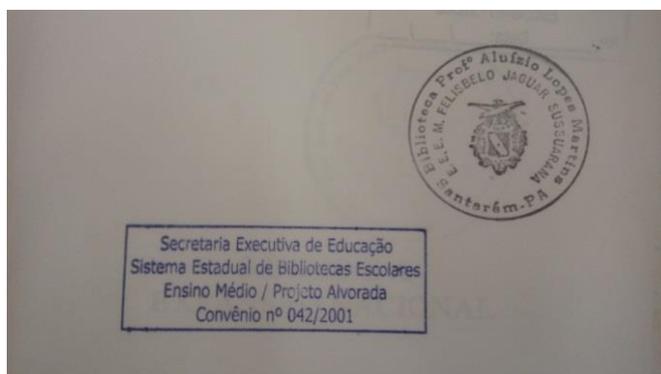
É de competência desse sistema: “Planejar, supervisionar e coordenar as bibliotecas da Rede de Ensino do Estado; Orientar as atividades de pesquisa e estudos; tratar tecnicamente o acervo das bibliotecas; diagnosticar as condições das bibliotecas escolares da rede e orientar os profissionais lotados nestes espaços quanto a utilização e serviços”.

No entanto, município de Santarém, de acordo com informações fornecidas pela coordenadora do Siebe, o assessoramento não é realizado há mais de quatro anos. Segundo ela, a ausência de bibliotecário de referência no município dificulta a obtenção de informações situacionais mais abrangentes, como infraestrutura, aquisição de acervo e funcionamento e há mais de 8 anos não se realiza compra de acervo.

Durante as visitas, identificou-se em algumas BEs registros/carimbo (registro fotográfico 20) cuja identificação contava o nome da secretaria de educação, do Siebe e do projeto Alvorada. De acordo com informações fornecidas pelo SIEBE e pelo coordenador do projeto Alvorada, trata-se de projeto do governo federal que contou com a parceria dos governos estaduais e municipais e a sociedade civil organizada que criar condições para reduzir a pobreza

e as desigualdades regionais do País. Teve por objetivo, a liberação de recursos para os estados para investimentos em: infraestrutura (construção de novas escolas, ampliação de escolas ou adequação de unidades escolares). Investimentos para aquisição de mobiliários básicos para atender as escolas da recepção à cozinha.

Registro fotográfico 23: Projeto Alvorada



BE2: Registro realizado em 22/05/2018.

Também foram destinados recursos para aquisição de material pedagógico tipo: kit de ciências e acervo bibliográfico para as bibliotecas ou salas de leituras existentes na época. Recursos para formação continuada também foram liberados para formação dos professores, conforme o quadro abaixo.

Quadro 7: Detalhamento dos recursos e escolas beneficiadas pelo Projeto Alvorada

Nº	ESCOLAS	AÇÕES			
		Adequação funcional e recuperação física	Equipamento e mobiliários	Aquisição de recursos didático-pedagógicos	
				Acervo Bibliográfico	Kit Laboratório Multidisciplinar
01	EEEE Almirante Soares Dutra	92.000,00	30.000,00	20.000,00	25.000,00
02	EEEE Antônio Batista Belo de Carvalho	0,00	5.000,00	20.000,00	0,00
03	EEEFM Frei Othmar	0,00	5.000,00	20.000,00	0,00
04	EEEFM Álvaro Adolfo da Silveira	149.000,00	30.000,00	30.000,00	25.000,00
05	EEEFM Diocesana S. Francisco	0,00	5.000,00	20.000,00	0,00
06	EEEFM Frei Ambrósio	119.000,00	5.000,00	20.000,00	0,00
08	EEEFM José de Alencar	92.000,00	30.000,00	20.000,00	25.000,00
09	EEEFM Madre Imaculada	0,00	5.000,00	20.000,00	0,00
10	EEEFM Nossa Senhora Aparecida	0,00	5.000,00	20.000,00	0,00
12	EEEFM Profa. Onésima P. de Barros	56.000,00	30.000,00	30.000,00	25.000,00
13	EEEFM Pedro Alvares Cabral	128.000,00	30.000,00	30.000,00	25.000,00
14	EEEFM Plácido de Castro	95.000,00	30.000,00	20.000,00	25.000,00
15	EEEFM Prof. Aluizio L. Martins	0,00	5.000,00	20.000,00	0,00
16	EEEFM Rio Tapajós	56.000,00	30.000,00	30.000,00	25.000,00
17	EEEFM Terezinha de J. Rodrigues	89.000,00	30.000,00	20.000,00	25.000,00
18	ERC EFM São Raimundo Nonato	0,00	5.000,00	20.000,00	0,00
19	EEEE São Felipe	0,00	5.000,00	20.000,00	0,00
20	EE Dom Tiago Ryan	0,00	5.000,00	20.000,00	0,00
21	EE Felisbelo Jaguar Sussurana	116.000,00	30.000,00	20.000,00	25.000,00

22	EE Julia Gonçalves Passarinho	125.000,00	30.000,00	30.000,00	25.000,00
23	EE Rodrigues dos Santos	55.000,00	30.000,00	30.000,00	25.000,00
		1.172.000,00	390.000,00	530.000,00	275.000,00

No quadro 7, é possível verificar os investimentos na restauração física e na compra de acervos. Tais investimentos variavam de acordo com o número de alunos matriculados nas escolas beneficiadas.

No Pará, o projeto Alvorada foi desenvolvido mediante a realização de quatro convênios:

- ✓ **Convênio nº193/2000** – Previa investimento em infraestrutura e aquisição de mobiliário, assim como material pedagógico como: kit de ciências e acervo bibliográfico.
- ✓ **Convênio nº042/2001** – Previa investimento em infraestrutura e aparelhamento das escolas. Além de ações que visavam investimentos para as bibliotecas.
- ✓ **Convênio nº 082/2002** – Previa investimento em infraestrutura, formação continuada e aparelhamento das escolas. Neste convênio existiram entre outras, as seguintes ações que visavam investimentos para as bibliotecas.
- ✓ **Convênio nº 106/2002** – Convênio destinado para investimentos em infraestrutura. Não houve aquisição de acervo bibliográfico.

No município de Santarém, o convenio que assistiu as escolas foi o de nº 042/2001. Esse convênio investiu na estruturação dos espaços das BEs, mobiliário e acervo. A sistemática de entrega teve como base o perfil dos cursos que cada unidade ofertava; o porte da escola em relação ao número de alunos matriculados, cujos parâmetros eram:

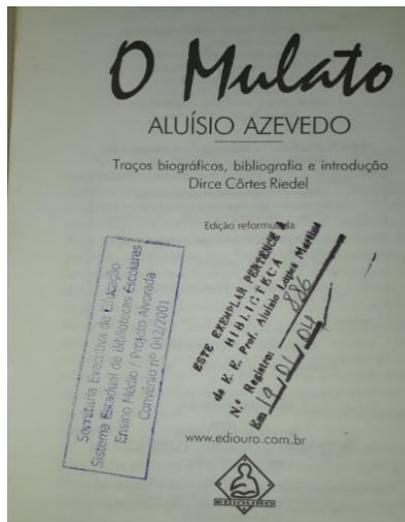
- ✓ Escolas com até 1.000 alunos: investimentos na ordem de R\$20.000,00.
- ✓ Escolas com até 3.000 alunos: investimentos na ordem de R\$30.000,00.
- ✓ Escolas acima de 3.000 alunos: investimentos na ordem de R\$40.000,00.

O acervo era composto de livros didáticos atendendo todas as disciplinas do currículo escolar do ensino médio, dicionários, paradidáticos e livros de autores regionais.

Na visita em locu, foi observado que parte dos livros literários comprados com recurso projeto alvorada correspondia a obras exigidas nos vestibulares da época. Também foram adquiridos mobiliários para as escolas, entre os eles foram previstos mobiliários para as bibliotecas tipo: quadro de aviso, estantes de aço, conjuntos mesa e cadeiras, arquivos de mesa, estantes para periódicos, computador com impressora, estabilizadores.

Na pesquisa, em nenhuma BE foi encontrado impressora e estabilizador. Quanto aos computadores, nas BEs que dispõem desse instrumento, não foi localizado nenhum registro que permitisse afirmar se foram ou não comprados pelo projeto.

Registro fotográfico 24: Acervo financiado pelo projeto alvorada



BE2: Registro realizado em 22/05/2018.

O registro fotográfico 25 mostra o modelo de estantes compradas com o recurso do projeto. São estantes reguláveis com cinco prateleiras dupla próprias para biblioteca.

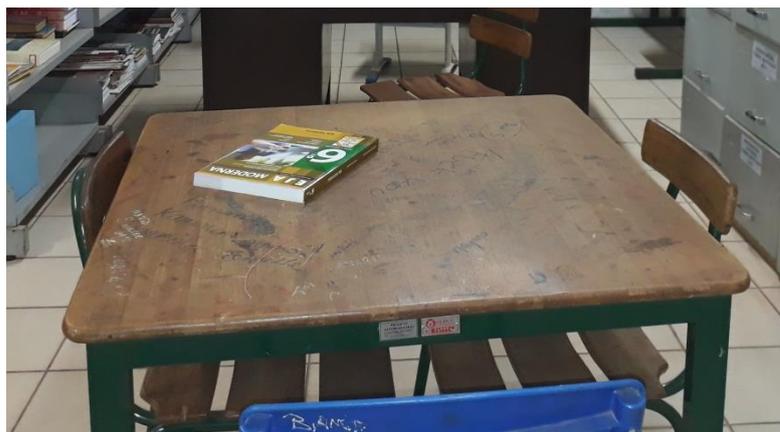
Registro fotográfico 25: estantes custeadas pelo projeto Alvorada



BE22: Registro realizado em 22/11/2017.

O registro fotográfico 26 mostra o modelo da mesa. São mesas de tamanho médio com quatro cadeiras de madeira e estrutura de ferro.

Registro fotográfico 26: Mesas custeadas pelo projeto Alvorada



BE22: Registro realizado em 18/10/2017.

O registro fotográfico 25 mostra o modelo de balcão. São balcões de madeira e revestido de compensado com 40 cm de largura e 6 metros de comprimento adequado para computadores. Sendo que nas BEs este móvel é utilizado para estudos individuais ou para alocação de livros.

Registro fotográfico 27: Balcão financiado pelo projeto alvorada



BE2: Registro realizado em 22/05/2018.

Os benefícios ocorreram para atendimento de todas as disciplinas do currículo obrigatório do Ensino Médio e tinham como objetivo equipar as escolas com estrutura mínima de funcionamento, de Padrão Básico de Atendimento – PBA.

4.3.9 Análise de dois casos

Esta seção faz menção a dois trabalhos desenvolvidos em bibliotecas escolares da rede estadual de ensino do município de Santarém. O primeiro, desenvolvido por Cardoso (2013), é um estudo de caso com objetivo de examinar o papel da biblioteca nas atividades educativas em ambiente escolar e na formação do aluno o leitor crítico e autônomo (BE20). O

segundo, desenvolvido por Nogueira e Pessoa (2015), é um trabalho de intervenção com objetivo expor a importância da leitura na formação escolar atribuído da revitalização da BE16.

Como as duas BEs estão inseridas nessa pesquisa. Optamos por fazer análise dos dados e registros oferecidos por Cardoso (2013), Nogueira e Pessoa (2015) no ano em que os trabalhos foram desenvolvidos com os dados coletados por esta pesquisa.

Os trabalhos chamam a atenção para as condições de funcionamento das bibliotecas. Os dados dizem respeito a recursos humanos, acervo, serviços, espaço físico, mobiliário, aspectos administrativos e financeiros e comunidade de usuários das bibliotecas.

Para melhor compreender o papel da biblioteca no contexto escolar, em especial no incentivo da leitura, adotei como campus de pesquisa o exame da organização e funcionamento de uma biblioteca escolar pública: a biblioteca “Castro Alves” (CARDOSO, 2013, pg. 4).

O trabalho começou com a realização de um diagnóstico feito pelas acadêmicas com o objetivo de coletar informações sobre as instalações físicas, acervo, móveis, equipamentos, necessidade dos usuários. As informações coletadas subsidiaram a metodologia de trabalho que utilizamos para o desenvolvimento das atividades (NOGUEIRA; PESSOA, 2015, p.9).

Embora os trabalhos adotem metodologias diferentes, o ponto de partidas é comum: diagnosticar as condições físicas e sua organização para fazer análise de sua contribuição com a comunidade escola.

4.3.8.1 Biblioteca Castro Alves

O trabalho, desenvolvido por Cardoso (2013) na biblioteca “Castro Alves” da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Álvares Cabral localizada no município de Santarém, teve como objetivo examinar o papel da biblioteca nas atividades educativas em ambiente escolar e na formação do aluno leitor crítico e autônomo. Para melhor visualizar o que ocorre nesta biblioteca, a autora faz o diagnóstico da organização e distribuição espacial; acervo e dinâmica de funcionamento. No que tange à organização e distribuição espacial a autora pontua que,

na necessidade de dispor de um espaço que auxiliasse os alunos nas atividades escolares de leitura e pesquisa, elaborou-se o projeto de ampliação de duas salas de aula, que passaram a funcionar como biblioteca da escola; o espaço, dividido por um balcão, tem de um lado o computador onde se encontra catalogado o acervo da biblioteca, com acesso a internet, e de uso exclusivo da bibliotecária, além dos livros e outros materiais de consultas e empréstimo; noutro, uma televisão para atividades com vídeos e mesa com cadeiras para uso de seus usuários (CARDOSO, 2013, p. 13).

Registro fotográfico 28: Biblioteca Castro Alves, 2012.



Fonte: Cardoso (2013), registro realizado em 21/08/2012.

De acordo com a autora a biblioteca apresenta espaço favorável e possui ambiente convidativo; acrescenta ainda que,

O espaço é convidativo, compõem o cenário réplicas de obras de artes como *Abaporu*, pintura clássica do modernismo brasileiro, da artista Tarsila do Amara; *O Grito*, obra expressionista do pintor norueguês Edvard Munch; *A Boba* e o *Homem Amarelo*, de Anita Malfatti, pintora modernista brasileira, além de ilustrações de períodos históricos que vão, do trovadorismo ao modernismo. Há também um *cantinho do autor*, onde os usuários podem expor as impressões de suas leituras e encontrar sugestões, e uma exposição Biográfica, trechos de obras e livros premiados e publicados (CARDOSO, 2013, p.14).

Quanto ao acervo:

A biblioteca conta com um acervo de quase cinco mil livros, das diversas áreas do conhecimento [...] Entre os livros que compõem o acervo, estão os de literatura de portuguesa (...), brasileira (...), expressão amazônica (...) e muitos de literatura infantil e juvenil (...) na sua maioria fornecida pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE; além de enciclopédia, dicionários, revistas e DVDs. (CARDOSO, 2013, p14).

Dinâmica de funcionamento:

Em 2012, a dinâmica de funcionamento ocorreu da seguinte forma: inicialmente, com apoio dos alunos, houve a organização do espaço, de acervos e outros recursos disponíveis para pesquisa, tornando-o mais convidativo na recepção dos alunos, seguindo de atividades tradicionais de como consulta e empréstimo, e dinamizando-se, periodicamente em torneos projetos, em parceria de alguns professores, de instituições e outros específicos da biblioteca. (CARDOSO, 2013, p15).

Cardoso (2013, p.16) observa que “considerando o desenvolvimento político do estado, no município de Santarém, a biblioteca analisada apresenta uma boa estrutura, é ampla, climatizada e bastante convidativa”. No entanto, chama a atenção pela não incorporação desse espaço pela comunidade escolar.

Pode-se dizer, em termos gerais, que a biblioteca em tela assume as funções educativa e cultural de que falamos acima. Contudo, é mister reconhecer que ainda não parece que a escola e a comunidade escolar tenham incorporado a biblioteca de forma plena, compreendendo-a como essencial ao projeto pedagógico (CARDOSO, 2013, p.16).

Na visita à escola, em 24 de outubro de 2017, encontramos outro panorama da organização espacial da BE. A reorganização do espaço deixou-o mais amplo. As estantes de livros foram enfileiradas próximo às paredes; as mesas e cadeiras foram postas ao centro da BE; o balcão, que antes dividia o espaço destinado ao acervo dos usuários separa, apenas, o lugar onde fica o responsável e os acervos de uso exclusivo dos professores. As réplicas de obras de artes e as ilustrações nas janelas venezianas de períodos históricos foram mantidas, pois “por si só são uma aula de literatura”, fala a professora atualmente responsável pela BE.

Registro fotográfico 29: Biblioteca Castro Alves 2017



Registro realizado em 24/10/2017.

A reestruturação do espaço foi realizada em 2015 por iniciativa das professoras lotadas e, no mesmo ano, uma delas se aposentou e não houve substituição; a biblioteca, que antes tinha duas pessoas responsáveis, passou a ter apenas uma, com lotação de 100 horas, que realiza atendimento em dias e horários intercalados.

Quanto ao acervo, houve ampliação com livros do PNBE. Não foi possível saber o número exato de livros; estima-se que sejam aproximadamente cinco mil, das diversas áreas do conhecimento – filosofia, sociologia, biologia, história geografia, química, física, matemática, português, arte e literatura –, além de enciclopédia, dicionários, revistas e DVDs. A catalogação é feita no sistema operacional excel, numerados conforme a ordem de chegada.

Durante a pesquisa, observou-se demanda de alunos por livros, especialmente, no intervalo das aulas, em horários em que não havia professores na sala e na saída do turno. a biblioteca passou a ser incorporada na dinâmica de ensino da escola. No entanto, o funcionamento em dia e horário específicos, por não haver responsável para todos os turnos, tem limitado o acesso de alunos.

4.3.8.2 Biblioteca “Profª Iza Ramos”

O trabalho realizado por Nogueira e Pessoa (2015) foi na biblioteca “Profª Iza Ramos”, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Madre Imaculada. No entanto, faz referência a outra biblioteca na qual as autoras, inicialmente, pretendiam desenvolver o projeto. Afirmam as autoras que o projeto não foi adiante, porque não houve apoio e interesse da gestão e que “a indisposição e o desinteresse da escola impedem qualquer possibilidade de trabalho naquele local”. Assim, o trabalho foi realizado noutra escola, onde as condições ambientais eram bem diferentes da anterior.

Ambiente completamente distinto encontramos na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Madre Imaculada”. Aí, não obstante a biblioteca estar completamente desestruturada, havia interesse e disposição do conselho gestor e apoio da direção da escola para o trabalho de revitalização, que ocorreu entre abril e novembro de 2014 (NOGUEIRA; PESSOA, 2015, p. 09).

De acordo com as autoras, foi realizado o diagnóstico do espaço para coletar informações sobre as instalações físicas, acervo, móveis, equipamentos, necessidade dos usuários.

As condições físicas do espaço da biblioteca são satisfatórias. Os móveis para o armazenamento do acervo e acomodação dos usuários também são suficientes. Os materiais bibliográficos que compõem o acervo da biblioteca são livros de diversas áreas do conhecimento, periódicos, mapas, dicionários. O quantitativo do acervo é razoável. Duas professoras estavam destacadas para responder pelo funcionamento da biblioteca, uma no turno matutino, desde o ano de 2008, e outra no vespertino (NOGUEIRA; PESSOA, 2015, p. 10).

Nogueira & Pessoa (2015) não fazem observações críticas no que se refere aos itens mencionado, até porque as autoras fazem bastante uso de registros fotográficos - que por si só expressam muita coisa - no entanto, é possível observar que apesar de haver pessoas responsáveis pelo espaço a quantidade expressiva de livros didáticos, acervos em caixa, além de materiais diversos que não são de uso da bibliotecas evidenciam certa desorganização do espaço. Conforme mostra o registro abaixo.

Registro fotográfico 30: Fotos da BE antes da intervenção das alunas



Fonte: Nogueira e Pessoa, 2015, p.10.

Realizado o diagnóstico,

Realizamos a organização do espaço, catalogação dos livros, possibilitando melhores condições de trabalho. A partir disso, pudemos pensar na execução das atividades fundamentais de uma biblioteca: empréstimos de livros, pesquisas, atividades escolares, permitindo acesso aos livros e outros materiais disponíveis de forma organizada e sistemática, dando oportunidade ao desenvolvimento de cada aluno a partir de suas atitudes individuais; executamos também as atividades de leitura propostas no projeto. (NOGUEIRA; PESSOA, 2015, p.11).

Os registros fotográficos a seguir demonstram a sequência do trabalho de revitalização das acadêmicas que utilizam esse recurso para demonstrar às etapas do processo.

Registro fotográfico 31: Seleção de livros



Fonte: Nogueira e Pessoa (2015, p.11).

Registro fotográfico 32: Limpeza do local



Fonte: Nogueira e Pessoa (2015, p.11).

Na sequência, foi realizada a organização do espaço, catalogação dos livros.

Registro fotográfico 33: Organização do acervo



Fonte: Nogueira e Pessoa (2015, p.12).

Registro fotográfico 34: Resultado da intervenção



Fonte: Nogueira e Pessoa (2015, p.12).

O registro fotográfico 32 demonstra que o trabalho de intervenção das acadêmicas deu a biblioteca um novo visual. Observa-se que ela ficou mais espaçosa e o ambiente ficou organizado e alegre.

Terminado o trabalho de reestruturação do espaço,

podemos pensar na execução das atividades fundamentais de uma biblioteca: empréstimos de livros, pesquisas, atividades escolares, permitindo acesso aos livros e outros materiais disponíveis de forma organizada e sistemática, dando oportunidade ao desenvolvimento de cada aluno a partir de suas atitudes individuais; executamos também as atividades de leitura propostas no projeto. (NOGUEIRA; PESSOA, 2015, p.13)

Após a reestruturação do espaço, houve a necessidades de cria possibilidades e estratégias que aproximasse os alunos da biblioteca e permitisse o uso do acervo. Assim,

Como partes das ações propostas no projeto, oferecemos um momento de formação em biblioteca escolar aos na biblioteca, ministrada pelo professor Luiz Percival Leme Britto, nosso orientador, ao corpo docente da escola, destacou-se que o professor, como mediador do conhecimento, é um dos principais responsáveis por instruir o aluno a ir à biblioteca para aprofundar-se nos conteúdos da sala de aula, e, para isso, o docente deve conhecer o acervo da biblioteca (NOGUEIRA; PESSOA, 2015, p.13 e 14).

Explicitam as autoras, a necessidade de instruir os professores quanto ao uso da biblioteca e da importância de seu papel no funcionamento eficaz da Biblioteca, assim como no processo de formação do leitor, bem como a necessidade desses profissionais incorporarem esse espaço como parte de suas atividades, paralelo a sala de aula.

Registro fotográfico 35: palestra para os docentes da escola Madre Imaculada



Fonte: Nogueira e Pessoa, 2015, p.14.

Explicitam as autoras a necessidade de instruir os professores quanto ao uso da biblioteca e da importância de seu papel no funcionamento eficaz da Biblioteca, no processo de formação do leitor, bem como a necessidade desses profissionais incorporarem esse espaço enquanto parte de suas atividades, paralelo a sala de aula.

O trabalho de revitalização das acadêmicas proporcionou a escola uma biblioteca estruturada, com condições de uso adequadas para que alunos e professores. Além da em reestrutura o espaço, houve a preocupação em conscientizar o corpo docente da importância do uso desse espaço. A biblioteca está na escola para contribuir na formação docente e discente, sendo necessária sua incorporação como instrumento integrado ao processo de ensino.

Passados dois anos do trabalho desenvolvido pelas acadêmicas, esta pesquisa nos fez retornar à biblioteca.

O registro fotográfico 36 mostra a biblioteca desorganizada, empilhadas de livros didáticos e outros materiais que não são da biblioteca, tais como matérias utilizadas em feira de ciências e apresentações. Isso nos leva a refletir que de nada adianta intervir no espaço se não houver adesão e preocupação em sua manutenção e consolidação como parte integrante da escola, do processo de ensino, da formação do aluno.

Registro fotográfico 36: Fotos da Biblioteca Madre Imaculada em 2017.



Registro realizado em 04/09/2017.

Em outro momento, voltei a escola para tenta compreender o porquê que uma biblioteca que recebeu trabalho de reestruturação exemplar encontrava-se naquele estado. Relata a professora, que se encontrava afastada por licença a maternidade, que “quando eu saí de férias, a biblioteca estava organizada; quando voltei, já estava desse jeito cheia de livros e de tudo quanto e material.” Ao indagar se ela tinha apoio da gestão para com a biblioteca, obtive como resposta “Sim. Tudo que peço para biblioteca, ele não mede esforços para me dar; no entanto, tenho dificuldade muito grande em fazê-los compreender que a biblioteca não é lugar de qualquer coisa, tanto que você ver que foi só eu sair, já está cheia de livros”.

A não compreensão do papel desse espaço na educação e na formação dos alunos tem contribuído com o descaso das BEs. Enquanto a escola não se apropriar desse espaço de forma consciente, podem acontecer tantas outras revitalizações que de nada adiantará, o trabalho será sempre em vão. Mais que mudar o espaço é, preciso mudar a consciência dos docentes quanto à necessidade desse espaço. Trata-se de um processo lento, mas não impossível.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aponta que das 30 escolas pesquisadas, 25 dispõem de espaços destinados a funcionar como biblioteca; sendo que cinco apresentam boas condições de uso. No que diz respeito a iluminação, climatização adequada e mesas para leitura e, ainda que não se tenha estabelecido registro do número exato de livros, é possível afirmar que, cada uma, em média mais de três mil livros de leitura e pesquisa, o que seria suficiente para atender a demanda dos alunos; doze razoáveis, sete apresentam condições precárias e uma não apresenta condições de uso.

Todas as escolas recebem acervos de PNBE, inclusive as que não têm biblioteca, sendo este o programa que mais beneficiou as escolas, seguido do projeto alvorada. Em duas escolas, notou-se deterioração de acervos pelos cupins, livros em péssimo estado de conservação ou ultrapassados em termos de conhecimento, além de acervos recebidos do FNDE encaixotados.

O número expressivo de livros didáticos dentro das bibliotecas, inclusive ultrapassados, tem sido problema recorrente a ser enfrentado, uma vez que são utilizados no decorrer do ano e devolvidos ao final do ano letivo. Esse material é de uso exclusivo dos alunos para atividades desenvolvidas na sala de aula e, portanto, não deveriam estar, principalmente em quantidade expressiva, armazenados nas bibliotecas.

Quanto ao funcionamento, apenas 14 BEs contam com professores lotados (todos com 100hrs), que se desdobram entre as atividades na biblioteca e em sala de aula. Por não terem formação específica para trabalhar nesses espaços, desenvolvem atividades básicas e bastante incipientes. A ausência de profissionais próprios da BE – isso na maioria – tem gerado problemas tais como a não utilização do acervo, perda e deterioração dos livros, atendimento circunstancial e inconstante. O fato é, que o livro por si só, não contribui na formação dos alunos, o que os torna insignificante, sem valor algum e o reduz a mero objeto.

Os alunos costumam frequentar a biblioteca em aulas vagas, ou quando a saída do turno é antecipada, por conta da ausência de professores, seja para pesquisa, leituras obrigatórias ou leituras alternativas, o que demonstra a necessidade de funcionamento desses espaços dentro das escolas. A frequência de professores é pouca e, quando há, geralmente são os de Língua Portuguesa que desenvolvem atividades de leitura e interpretação de texto.

Postula-se que a biblioteca escolar, espaço integrante do processo educativo, é de total importância nos processos de ensino-aprendizagem. No entanto, mesmo conscientes dessa importância, professores e gestores têm feito muito pouco por esses espaços. A 5ª Unidade Regional de Educação (URE) disponibiliza carga horária de 100 horas/relógio para os professores,

que queiram estar no espaço da biblioteca. O professor precisa fazer um projeto de aplicação, entregar ao diretor da escola, que o leva à URE e espera a aprovação, além disso, há uma redução no salário, desestimulando o professor.

É lamentável constatar que tanto potencial literário venha sendo desperdiçado nas escolas, acervos envelhecendo nas estantes empoeiras, bibliotecas com funcionamento precário ou como posto de armazenagem de livros didático e outros materiais, alunos privados de um patrimônio de nossa história como seres humanos por carregar em sua produção marcas culturais, ideológicas, emocionais. Já que, como pontua Andrade:

A biblioteca, instituição milenar que durante séculos garantiu a sobrevivência dos registros do conhecimento humano, tem agora seu potencial reconhecido como partícipe fundamental do complexo processo educacional. Pois pode contribuir efetivamente para preparar crianças e jovens para viver no mundo contemporâneo, em que informação e conhecimento assumem destaque central (ANDRADE, 2005, p. 15).

É necessário o olhar cauteloso e atento dos governos, para fazer acontecer um trabalho conjunto entre diretor, gestão pedagógica, professores e responsável pela biblioteca (bibliotecário), estabelecendo uma “ação pedagógica” capaz de integrar biblioteca e sala de aula e, desse modo, efetivamente contribuir com a educação.

Logo, mas que criar espaços de leitura, mobiliar e distribuir acervos e necessário criar condições de funcionamento, tais como admissão de bibliotecários; capacitação de professores e de todos os profissionais envolvidos com educação para que estes consigam atuar como disseminadores não só da leitura, mas, do conhecimento como todo; assessoramento quanto uso e procedimentos técnicos e administrativos. Enfim, é necessário inserir a biblioteca escolar como parte e, não a parte, do processo de ensino, não apenas de literatura ou de língua portuguesa, como também de história, matemática, geografia, de todas as áreas conhecimento para que os alunos disponham de subsídios teóricos que lhes permitam compreender a realidade e agir de forma consciente sobre ela.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, A.A.; MARTINS, L.M. *Scientific knowledge production: the subject-object relationship and thought development*. Interface - Comunic., Saúde, Educ., Interface - Comunic., Saúde, Educ. v.11, n.22, p.313-25, mai/ago 2007.

ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves de et al. Diagnóstico das bibliotecas escolares da rede estadual de ensino de Belo Horizonte - MG. In: **Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação**, 20., 2002, Fortaleza. Anais... Fortaleza: Associação dos Bibliotecários do Ceará, 2002.

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Pólis, APB, 1997.

BACZINSKI, Alexandra Vanessa de Moura. Educação escolar brasileira e suas possibilidades latentes de contribuição à educação omnilateral. In: **Filosofia e Educação [RFE]** – Volume 8, Número 2 – Campinas, SP, Junho -Setembro de 2016 – ISSN 1984-9605 – p. 219-253

BRASIL. Lei Federal n.12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõem sobre a criação de bibliotecas escolares nas redes públicas de todo o país: **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 de maio 2010. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm.

_____.Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2001.

_____. **Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE)**. Ministério da Educação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12548:saibamais&catid=309:programa-nacional-biblioteca-da-escola&Itemid=574. Acesso em: 09 de novembro de 2017.

_____. Ministério da Cultura [MINC]. **PNLL - Plano Nacional do Livro e da Leitura: Viva leitura 2006-2008**. Brasília: MINC, [2006^a].

BRANDÃO, Claudia Leite. **PNBE do Professor: Usos e desusos**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2016.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e participação. In: **Contra o consenso**. Cultura escrita, educação e participação. Campinas: Mercado das Letras, 2003,

_____.In ECO, Umberto. **Para que serve a literatura?** Disponível em www.ecofuturo.org.br/uploads/conteudos/textos_de_apoio/pra_que_serve_leitura.pdf. 2010.

_____. **Biblioteca Escolar: Que espaço é esse?** Salto para futuro. Ano XXI 14, outubro, 2011.

_____. **Inquietudes e Desacordos: a leitura para além do óbvio**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.

_____. **No lugar da leitura**. Biblioteca e formação [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2016.

CALIXTO, de José António. **A Biblioteca Escolar e a Sociedade da Informação**. Lisboa, caminho, 1996.

CAMPELO. **A situação das bibliotecas escolares no Brasil: O que sabemos?** Ribeirão Preto, V.1, 2012.

_____. **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: Parâmetros para bibliotecas escolares.** Apoio: Autêntica, Belo Horizonte, 2010.

CARVALHO, Maria da Conceição. **Educação de usuários em bibliotecas escolares: considerações gerais.** Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. 9, n. 1, p. 22-29, 1981.

CARDOSO, Juçara Cardoso. **O papel da biblioteca escolar.** (TCC). Ufopa, Santarém, 2013.

CARDOSO, Juçara Cardoso. **Bibliotecas Escolares em Santarém – uma cartografia / escolas públicas da sede (projeto de pesquisa).** Ufopa, Santarém, 2015.

CARVALHO, Maria da Conceição. **Escola, biblioteca e leitura.** In: CAMPELO et al. A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CASTRILLÓN, Silvia. “Qual é o lugar da leitura e da biblioteca na sociedade atual?”. **Revista Emília**, ago. 2012.

DUARTE, Newton. **A contradição entre universalidade da cultura humana e o esvaziamento das relações sociais.** São Paulo. 2006.

FERRAZ, Wanda. **A biblioteca.** 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A., 1972

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler – em três artigos se completam.** São Paulo: Cortez. 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 28. ed. São Paulo: Paz e Terra.2003.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e crise do capitalismo real.** São Paulo, Cortez, 1995.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. In: SALETE, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs) **Dicionário da educação do campo.** – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro e João editores, 2010.

GRAMSCI, Antonio (1978). **A Concepção dialética da história**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Manifesto IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares.** Tradução de Neusa Dias de Macedo. São Paulo: IFLA, 2000. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

KUENZER, Acacia Zeneida. **As relações entre conhecimento tácito e conhecimento científico a partir da base microeletrônica: primeiras aproximações.** Educar rev. Curitiba. 2003.

MILANESI, Luís. **Biblioteca.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis-RJ: Vozes. 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade.** 2006.

MANACORDA, Mário Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna.** 2.ed. Campinas,SP: Alínea, 2007.

MORO, Eliane Lourdes da Silva et al. (Orgs.) *Biblioteca Escolar: Presente!* / Eliane Lourdes da Silva Moro; Lizandra Brasil Estabel; Loiva Teresinha Serafini; Uli Kaup (Orgs.). – Porto Alegre: Editora Evanagraf / CRB-10, 2011.

NASCIMENTO, Aline Mendes; CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes. **Retrato das bibliotecas escolares da Rede Estadual de Ensino do Município de Ribeirão Preto - SP.** Biblionline, João Pessoa, v. 3, n. 1, 2007. Disponível em: Acesso em: 16 out. 2017.

NEGRÃO, May Brooking. Da enciclopédia ao banco de dados; a biblioteca escolar e a educação para a informação. **Cadernos do CED**, Florianópolis, v. 4, n. 10, jul./ dez. 1987.

NEVES, Sandra Garcia. FECILCAM; DA EDUCAÇÃO, HISTÓRIA. **A produção omnilateral do homem na perspectiva marxista: a educação e o trabalho.** EDUCERE, PUC/PR, 2009

NOGUEIRA, Geane Rocha; PESSOA, Rosania da Cruz. **A leitura em seu lugar: A revitalização da biblioteca da EEEFM Madre Imaculada (TCC).** Ufopa, Santarém, 2015.

OSAKABE, Haquira. Considerações em torno do acesso ao mundo da escrita. In ZILBERMAN, Regina. (org.) **Leitura em crise na escola: as perspectivas do professor.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

PERUCCHI, Valmira. A importância da Biblioteca nas Escolas Públicas Municipais de Criciúma – Santa Catarina. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, 1999.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **O Lunar de Sepé – Paixão, dilemas e perspectivas na educação.** 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2014.

SAVIANI Dermeval; DUARTE, Newton. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. **Rev. Bras. Educ.** vol.15 no.45 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2010

SILVA, Divina Aparecida da. ; ARAÚJO, Iza Antunes. Auxiliar de biblioteca: técnicas e práticas para formação profissional (2009). In:_____. **Classificação de Bibliotecas.** 6. ed. Brasília: Thesaurus. p. 26. 2003.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; SILVA . **Biblioteca, luta de classes e o posicionamento da Biblioteconomia brasileira: algumas considerações.** Em *Questão UFRGS.* (Impresso), v. 16, p. 203-217, 2010.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SILVA, Santuza Amorim da. **Práticas e possibilidades de leitura na escola.** 1997. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 1997.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** In *Revista Brasileira de Educação.* Jan /Fev /Mar /Abr 2004.

SOUSA, Joeline Rodrigues de. **A formação humana omnilateral e a proposição da escola unitária de Antonio Gramsci: uma análise à luz da ontologia Marxiana.** Fortaleza, Ceará, 2012.

TEIXEIRA, Roberta Araujo. **Espaços escolares e habilidades de leitura.** Um estudo em três escolas públicas municipais do Rio de Janeiro, 2008.

TEIXEIRA, L. S.; HORN, G. B. **Educação escolar: leitura e análise a partir da perspectiva Adorniana.** *Rev. Diálogo Educ.,* Curitiba, v. 13, n. 40, p. 977-997, set./dez. 2013

TEIXEIRA, E.. Política educacional e biblioteca escolar. **In: Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca.** Passo Fundo, RS: UPF editora, 2002.

UNESCO/IFLA. **Manifesto Unesco/Ifla para biblioteca escolar**. 30ª Conferência Geral da UNESCO, Paris, nov. 1999.

UNESCO. Manifesto da Unesco sobre bibliotecas públicas. **Revista. Bras. Bibliotecon.** E Documentação, São Paulo, 1976.

VANZ, Samile Andréa de Souza. **Padrões para infraestrutura e mobiliário de bibliotecas**, Disponível: bicateca.com.br

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura, perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

ANEXOS

FICHA CARTOGRAFICA PARA BIBLIOTECA ESCOLA

I – IDENTIFICAÇÃO:

Nome da escola:
Localização:
Diretor:
Quantidade de alunos no Fundamental:..... Médio:.....
Responsável pela BE:.....Contato:.....

II- ESTRUTURA FÍSICA

1. A escola tem biblioteca? sim não
2. A biblioteca está em:
 espaço próprio local improvisado espaço compartilhado
3. As condições de uso da biblioteca são:
 ótimas boas precárias muito precárias
5. Qual é a área aproximada da biblioteca?
 até 10 m² até 15 m² até 30 m² outras:.....
6. Quais são as condições de guarda e conservação do acervo?
 ótimas boas precárias muito precárias

III-FUNCIONAMENTO

7. A biblioteca possui pessoas lotadas? Sim Não
8. Quando não têm pessoas lotadas no espaço os alunos têm acesso ao acervo? De que forma?.....
.....
9. O funcionário responsável pela biblioteca é um (a):
 professor(a) bibliotecário(a) servidor readaptado(a)
 voluntário(a) outros (especificar).....
- Carga Horária de lotação no espaço:.....
Forma de Ingresso:
Ano: Turno: Dia das semanas:
Se professor, de qual disciplina:.....
10. Que atividades são desenvolvidas pelos responsáveis da biblioteca?
 empréstimo de devolução de livro
 atividades de leitura (quais):.....
11. Professores desenvolvem atividades de leitura na biblioteca? Sim Não
 Hora do Conto Roda de leitura Outras (quais):.....
12. Como se dá a forma de empréstimo dos livros?
 o aluno pode levar livro para casa
 leitura apenas na biblioteca
 alunos não vão à biblioteca
13. Como funciona a biblioteca da escola?

- () os alunos têm acesso a qualquer hora
 () os alunos são acompanhados pelo professor. Com que frequência?.....
14. A biblioteca possui horários determinados para o funcionamento?
 () sim () não Quais são os horários:
15. Esses horários são restritivos:
 () porque não há responsável
 () para não tumultuar o acesso
 () para que cada turma tenha seu próprio horário
17. Como são organizados os livros da biblioteca:
 () por ordem de tombo () por gênero
 () por faixa etária/idade () por série
 () não há organização () outro. Qual:.....

IV-COMPOSIÇÃO DO ACERVO

17. A escola compra livros? () sim () não
18. A escola:
 () assina revistas qual(is):.....
 () assina jornais qual(is):
 () recebe jornais qual(is):
 () recebe revistas qual(is):
19. Qual é o volume aproximado de obras infantis e juvenis disponíveis na biblioteca?
 () até 100 obras () 100 a 200 obras () 200 a 400 obras
 () 400 a 600 obras () 600 a 1000 obras
 () Mais de 1000. Quantos?.....
20. Como têm sido adquiridos os livros da escola:
 () Compra direta
 () Doações de terceiros
 () Programas governamentais
 () Outra maneira. Qual:.....
21. Quantos alunos emprestam ou lêem livros de literatura infantil e juvenil por semana, em média?
 () 1 a 3 () 4 a 5 () 6 a 7 () outro número. Qual?.....
22. Qual é a principal motivação para o uso do acervo (em porcentagem estimada):
 () recomendação/ordem de professores
 () sugestão de colegas ou familiares
 () curiosidade pessoal
 () outra forma de motivação. Qual?

V- QUESTÕES PERTINENTES

23. A biblioteca dispõe de recurso financeiro para sua manutenção? () sim () não
 Qual?.....
24. A biblioteca está inserida no projeto político Pedagógico da Escola? () sim () não
 De que forma?.....